

---

# Índice

1. O Curso de Redação	2
2. A Organização Discursiva do Texto	8
3. Dissertação Exemplar – Parte 1	12
4. Dissertação Exemplar – Parte 2	17
5. Planejamento de Redação	21
6. Uso da Coletânea de Textos	27
7. A Estrutura da dissertação – A Introdução	30
8. A Estrutura da Dissertação – O Desenvolvimento	34
9. A Estrutura da Dissertação – A Conclusão	38
10. Coesão Textual	41
11. Métodos de Raciocínio Lógico	42
12. Crase	49
13. Uso da Vírgula	52
14. Regência Verbal	55
15. Concordância Verbal	60

# O Curso de Redação

“Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?”  
(Carlos Drummond de Andrade)

Escrever para passar no vestibular. Escrever para obter um emprego. Escrever para matar as saudades de um parente ou de um amigo distante. Escrever para lembrar ao irmão que hoje não é o seu dia de lavar a louça. Em diversos momentos de nossas vidas, significativos ou banais, a escrita sempre está - ou esteve - presente. Ela é tão importante que é utilizada como referencial pelos estudiosos na divisão da história do mundo em Pré-História e História. No entanto, devemos atentar para o fato de que existem diversas formas de se produzir um texto escrito, e o que mais nos interessa no ano do vestibular (e de realizar a prova do ENEM!) é a escrita voltada para a produção de uma redação.

O que é a redação? Esse substantivo é derivado do verbo redigir; de acordo com o dicionário Aurélio, o vocábulo redigir vem do latim *redigere* e significa, entre outras especificações, “escrever com ordem e método”. Essa definição vem bem ao encontro da proposta de nosso curso: permitir que os alunos adquiram e absorvam, de forma plena e integrada, conhecimentos gerais acerca das técnicas existentes e aplicáveis de redação na ocasião do exame vestibular. Em outras palavras, objetivamos fazer com que o aluno/candidato possa, ao fim do curso, ter ampla consciência acerca do que está sendo passado para o papel. Essa consciência, com toda a certeza, será fundamental para que o texto (ou as respostas das provas discursivas) seja bem apreciado pela banca corretora do ENEM e do vestibular. Mais profundamente, é fato que você estará sendo preparado também para a vida.

Já que mencionamos o vestibular, cabe lembrar aqui que a prova de Redação é vista pelas comissões de vestibulares como essencial à classificação de um aluno, uma vez que, justamente por não possibilitar a existência de um “gabarito”, acaba por medir alguns aspectos da subjetividade humana. Dito de outro modo, é a única prova que permite à banca “conhecer”, mesmo que de forma bastante restrita, a capacidade de reflexão do candidato. Sobre esse aspecto, falaremos em outro momento.

## I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### 1. CONCEITO DE TEXTO

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o conceito de texto é bastante amplo. Ao utilizarmos o referido vocábulo, imediatamente imaginamos uma folha de caderno pautado, com suas linhas preenchidas à caneta ou a lápis. Visão equivocada ou, no mínimo, limitada. Deve-se definir texto como um todo, divisível em partes ou não, construído em determinada linguagem e

que produz sentido completo para um “leitor”, em dada situação. Para maior entendimento, seguem alguns comentários pertinentes:

- Entende-se por “situação”, o contexto em que o “leitor” está inserido. Pode ser uma sala de aula, uma festa ou uma reunião de negócios, por exemplo.
- O “leitor” é qualquer indivíduo que se encontra em uma situação na qual ocorre a emissão de uma mensagem – não necessariamente escrita.
- A referência à linguagem remete a qualquer forma de comunicação: palavras, olhares, gestos, sons, cores, símbolos, entre outros.
- É imperativo que todos esses elementos associados produzam sentido, isto é, possam ser entendidos por alguém – no caso, o leitor.

Podemos inferir, desse modo, que àquela noção comum de texto somam-se outras muito mais amplas. Até mesmo um sinal luminoso com o farol vermelho indicado pode ser concebido como texto, uma vez que se trata de uma unidade (todo), construída em linguagem visual (cor vermelha, no caso), produzindo sentido (“PARE”) para o “leitor” (o motorista) no contexto adequado ao entendimento, que é o do tráfego de veículos.

Esse é o motivo por que, no momento em que nos propomos a aprender técnicas de interpretação textual, não podemos estar presos a uma visão restrita, anacrônica, segundo a qual, são analisados apenas textos de grandes autores como Machado de Assis e Manuel Bandeira, por exemplo. Devemos ampliar ao máximo nossos horizontes, procurando fazer estudos a partir de textos jornalísticos, orais, ou até mesmo não verbais e híbridos. Aliás, essa última referência tem se apresentado como uma das maiores tendências dos atuais vestibulares: a cobrança da correta leitura de charges, tirinhas em quadrinhos, fotografias e até mesmo pinturas. Nesse contexto, a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) já formulou questões utilizando telas do mestre cubista Pablo Picasso.

## 2. O TEXTO: CLASSIFICAÇÕES

Embora as classificações de texto sejam inúmeras, vamos iniciar nossos estudos trabalhando duas divisões bastante simples: quanto à forma e quanto ao conteúdo. Quanto à forma, os textos podem ser classificados como textos verbais (construídos com palavras, no sentido estrito do termo); não verbais (produzidos por imagens e símbolos) e híbridos (associação entre palavras e imagens). No plano do conteúdo, são divididos em literários (ou artísticos) e não literários (ou técnicos). Abaixo, temos um exemplo de texto híbrido não literário, retirado de um site da Internet.



## II - PRESSUPOSTOS DA ESCRITA, DA LEITURA E DA INTERPRETAÇÃO

Um pressuposto é uma circunstância ou fato considerado como antecedente necessário de outro. Dito de outro modo trata-se da base necessária ao aprendizado de determinado conteúdo. Na aula de hoje, apresentaremos os pressupostos a serem apreendidos, ao longo do ano, pelos alunos que pretendem ler, interpretar e, principalmente, escrever bem. Vamos a eles!

### 1. DOMÍNIO DA LINGUAGEM

Você já deve ter se deparado, em sua vida, com inúmeras situações em que era necessário expressar-se de forma clara, precisa e gramaticalmente correta. Pode ter sido na apresentação de um trabalho na feira de ciências de seu colégio ou em algum discurso de homenagem aos pais. Por outro lado, também ocorreram situações – mais numerosas, até – em que a utilização de uma linguagem muito cuidada poderia fazer você parecer “pedante” frente a outras pessoas. É o que aconteceria em reuniões com os amigos, por exemplo. Em todas essas situações, você foi exigido no que diz respeito ao nível de linguagem a ser empregado. Na verdade, não existe um uso de linguagem essencialmente adequado. A escolha do nível aplicável dependerá, fundamentalmente, das circunstâncias em que o “falante” estiver inserido. Nesse sentido, vale a pena analisarmos os níveis de linguagem existentes – todos já cobrados pelo ENEM.

A. Registro Formal, que se subdivide em registro erudito e registro culto.

B. Registro Informal, subdividido em uso coloquial e uso vulgar (ou inculto).

Observação: A classificação acima não é suficientemente completa para que se analise a linguagem em seus diversos usos; podem aparecer outros níveis como a linguagem regional, a familiar e a especializada, própria de determinados grupos de pessoas.

### 2. CONHECIMENTO DE MUNDO

Se de um lado é necessário dominar a linguagem – referente à forma do texto - para que possamos ler e interpretar bem ou nos expressar do modo mais adequado, por outro lado, isso de nada adiantará se não tivermos o conhecimento e as referências necessárias para que aquilo que existe sob o plano formal, possa fazer sentido para nós. Em outras palavras, devemos possuir também o conteúdo necessário à apreensão das informações. Nesse momento, um provável questionamento invade sua mente: “- O que é conteúdo? Como obtê-lo? Eu já não o possuo?”. Tais dúvidas são legítimas a partir do que foi colocado. Assim, vamos às respostas.

Em primeiro lugar, deve-se considerar conteúdo todo o conhecimento que pode ser utilizado no entendimento ou na escritura de um texto. Desde as referências mais banais (reconhecer os “mecanismos” utilizados para que se possa atravessar uma rua em segurança, por exemplo) até as mais sofisticadas (compreender o que são alimentos transgênicos, a fim de se aprofundar a discussão sobre a sua comercialização).

Em segundo lugar, os meios de obtenção desse conhecimento já devem ter sido inferidos por você. Ora, qualquer indivíduo que interaja com a sociedade, assistindo à televisão ou

conversando com os amigos, passa a ter um acúmulo de conhecimento mínimo, cotidiano, o que por si só já pode ser utilizado. A complementação mais técnica pode ser obtida de diversas formas: na escola/universidade, com a leitura de jornais, revistas, livros, e por meio das mais diversas mídias, com o cinema e a Internet, hoje ocupando posições de destaque.

Por fim, a última grande dúvida: você já possui esse conhecimento? A resposta é sim e não. “Sim”, porque você completou ou está para completar o Ensino Médio com méritos, tendo absorvido uma gigantesca carga de conhecimento. “Não”, porque, sem dúvida alguma, diversos aspectos que você terá que dominar ainda serão ministrados, e nossos módulos visarão o preenchimento dessa “lacuna”.

## A REDAÇÃO NO ENEM

Antes de avaliarmos como será a prova de Redação no ENEM, observe os eixos cognitivos que serão cobrados no exame e comuns a todas as áreas do conhecimento. Depois, compare com as competências da prova de Redação e perceba que incrível “coincidência”...

### EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.

II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

A seguir, apresentamos as cinco competências que serão avaliadas pela banca examinadora do ENEM na prova de Redação.

### COMPETÊNCIAS EXPRESSAS NA MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA REDAÇÃO

Baseada nas cinco competências da Matriz de Referência para a Redação, a proposta da Redação do Enem é elaborada de forma a possibilitar que os participantes, a partir de uma situação-problema e de subsídios oferecidos, realizem uma reflexão escrita sobre um tema de ordem política, social ou cultural, produzindo um texto de tipo dissertativo-argumentativo. São tais:

- 
- 1 - Demonstrar domínio da norma padrão da língua escrita.
  - 2 - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.
  - 3 - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
  - 4 - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
  - 5 - Elaborar proposta de solução para o problema abordado, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

### **Níveis de conhecimentos associados às Competências Expressas nas Matrizes de Referência para Redação do Enem.**

Para cada uma das competências expressas na matriz de referência para Redação do Enem, existem níveis de conhecimento associados a essas competências, conforme descritos abaixo:

- **Nível 0:**

Demonstra desconhecimento da norma padrão, de escolha de registro e de convenções da escrita. Não defende ponto de vista e apresenta informações, fatos, opiniões e argumentos incoerentes. Apresenta informações desconexas, que não se configuram como texto. Não elabora proposta de intervenção.

- **Nível I:**

Demonstra domínio insuficiente da norma padrão, apresentando graves e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita. Desenvolve de maneira tangencial

o tema ou apresenta inadequação ao tipo textual dissertativo-argumentativo. Não defende ponto de vista e apresenta informações, fatos, opiniões e argumentos pouco relacionados ao tema. Não articula as partes do texto ou as articula de forma precária e/ou inadequada. Elaborar proposta de intervenção tangencial ao tema ou a deixa subentendida no texto.

- **Nível II:**

Demonstra domínio mediano da norma padrão, apresentando muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita. Desenvolve de forma mediana o tema a partir de argumentos do senso comum, cópias dos textos motivadores ou apresenta domínio precário do tipo textual dissertativo-argumentativo. Apresenta informações, fatos e opiniões, ainda que pertinentes ao tema proposto, com pouca articulação e/ou com contradições, ou limita-se a reproduzir os argumentos constantes na proposta de redação em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto, porém com muitas inadequações na utilização dos recursos coesivos. Elaborar proposta de intervenção de forma precária ou relacionada ao tema, mas não articulada com a discussão desenvolvida no texto.

- **Nível III:**

Demonstra domínio adequado da norma padrão, apresentando alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita. Desenvolve de forma adequada o tema, a partir de argumentação previsível e apresenta domínio adequado do tipo textual dissertativo-argumentativo. Apresenta informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto, porém pouco organizados e relacionados de forma pouco consistente em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto, porém com algumas inadequações na utilização dos recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção relacionada ao tema, mas pouco articulada à discussão desenvolvida no texto.

- **Nível IV**

Demonstra bom domínio da norma padrão, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita. Desenvolve bem o tema a partir de argumentação consistente e apresenta compreensão do tipo textual dissertativo-argumentativo. Seleciona, organiza e relaciona informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto de forma consistente, com indícios de autoria, em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto com poucas inadequações na utilização de recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção relacionada ao tema e bem articulada à discussão desenvolvida no texto.

- **Nível V:**

Demonstra excelente domínio da norma padrão, não apresentando ou apresentando escassos desvios gramaticais e de convenções da escrita. Desenvolve muito bem o tema com argumentação consistente, além de apresentar excelente domínio do tipo textual dissertativo-argumentativo, a partir de um repertório sociocultural produtivo. Seleciona, organiza e relaciona informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto de forma consistente, configurando autoria, em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto, sem inadequações na utilização dos recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção inovadora relacionada ao tema e bem articulada à discussão desenvolvida em seu texto.



# A organização discursiva do texto

Nas aulas de redação do Ensino Fundamental, você deve ter aprendido que existem três modalidades chamadas “clássicas” de organização discursiva de um texto. São elas: a narração, a descrição e a dissertação. Entre as “não clássicas”, destacam-se a carta argumentativa, o resumo, a resenha, entre outras. De todas essas possibilidades, sem dúvidas, devemos concentrar nossos esforços e nossa atenção ao modelo dissertativo. É justamente essa modalidade que é cobrada pela banca examinadora do ENEM desde a sua concepção.

## 1. O TEXTO DISSERTATIVO

### 1.1. Considerações Iniciais

O modelo dissertativo é o preferido pela banca examinadora do ENEM, conforme foi dito anteriormente. Essa preferência não se dá ao acaso, muito pelo contrário, justifica-se pelo fato de a dissertação ser a modalidade textual que associa com maior evidência, as características que a banca espera de um candidato: inteligência linguística, capacidade de articulação de discursos ou informações soltas, reflexividade e senso crítico. Tudo isso, não a partir de referências muito técnicas ou provenientes de “decorebas”, mas sempre com base em aspectos da realidade.

Em síntese, podemos afirmar que a dissertação mede a capacidade do aluno de absorver, interagir e interpretar o seu mundo, além de produzir tais ideias sob a forma escrita.

Diante do que foi mencionando, é válido enfatizar que é quase impossível se obter um bom resultado na prova de Redação se estivermos presos a “fórmulas mágicas” ou “receitas de bolo” relativas à produção textual. Por esse motivo, estimularemos sempre o pensamento crítico e consciente de nossos alunos, a fim de que qualquer redação, a partir de qualquer tema e em qualquer circunstância possa ser produzida de modo adequado e proveitoso.

### 1.2. Características Gerais da Dissertação

1.2.1. O ato de dissertar: segundo o dicionário Aurélio, dissertar significa tratar com desenvolvimento um ponto doutrinário ou um tema qualquer. Em outras palavras, trata-se do ato de “desembrulhar” um tema esclarecendo os seus pontos principais para o leitor – às vezes, inclusive, emitindo uma opinião. Na escola, aprendemos que existem duas espécies de textos dissertativos: o expositivo e o argumentativo. No primeiro caso, são feitas considerações imparciais sobre o tema, sem a emissão de qualquer juízo de valor pelo enunciador. No segundo caso, uma opinião é emitida e, posteriormente, defendida com o uso de argumentos. Nesse sentido, cuidado: as bancas dos exames vestibulares não costumam observar com bons olhos textos meramente expositivos; já dissemos que o senso crítico é um dos “ingredientes” de uma boa redação e somente com a defesa de uma opinião ou ponto de vista, poderemos fazer notar nossa capacidade crítica. Textualmente, isso é confirmado pela banca da UNICAMP:

“Em uma dissertação, deve-se defender uma tese, ou seja: organizar dados, fatos, ideias, enfim, argumentos em torno de um ponto de vista definido sobre o assunto em questão. Uma



dissertação deve, na medida do possível, concluir algo. Portanto, não tem cabimento ficar simplesmente elencando argumentos favoráveis ou contrários a determinada ideia.”  
([www.comvest.unicamp.br](http://www.comvest.unicamp.br))

Daqui para frente, lembre-se do seguinte: quando falarmos em dissertação pura e simplesmente, estaremos fazendo referência ao tipo argumentativo.

1.2.2. Objetivo ou função: como vimos na última aula, o objetivo maior da dissertação é convencer o possível leitor de que um determinado ponto de vista é válido. Para que esse objetivo seja atingido, fazemos uso de argumentos que, bem estruturados, configuram a chamada argumentação. A argumentação é constituída de um conjunto de ideias comentadas e fundamentadas lógica ou psicologicamente, que garantem a adesão de um interlocutor a certo ponto de vista.

1.2.3. Estrutura ortodoxa: existem diversas formas de se organizar um texto. Entretanto, uma parece ser a mais indicada na ocasião do exame vestibular: trata-se da chamada estrutura ortodoxa da dissertação. Sob esse escopo, o texto possui três partes bem definidas, cada uma desempenhando um papel específico. São elas: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Essa parece ser a estruturação mais adequada por diversos motivos, entre os quais se destacam:

a) não é uma tarefa simples organizar as ideias e apresentá-las para a banca de modo coerente. A estrutura ortodoxa constitui um meio extremamente eficaz de promover essa organização.

b) todos os exemplos de redações divulgadas que obtiveram grau máximo pelas comissões examinadoras seguem essa estrutura. Desse modo, o candidato não vai apenas mostrar capacidade de ordenação do raciocínio, vai também demonstrar que entrou em contato com bons textos ao longo de sua preparação.

1.2.4. Linguagem impessoal: o texto dissertativo deve ser escrito, via de regra, na terceira pessoa. Dito de outro modo, os pronomes “eu”, “meu” ou “minha” jamais deverão ser utilizados, bem como formas verbais que contenham em sua estrutura a desinência número-pessoal da primeira pessoa: “acredito”, “acho”, “devo”, “quero”.

*“Por que não posso utilizar a primeira pessoa do singular no meu texto? Ora, se é a minha opinião...”*

Esse questionamento deve estar surgindo em sua mente neste exato momento. De fato, parece paradoxal impedir que se utilizem marcas de personalização em um texto pessoal. Na verdade, a explicação para essa aparente contradição é bastante simples: de um lado, é óbvio que o texto pertence a quem o produz; nesse sentido, seria redundante o enunciador ter o tempo todo que aparecer. Por outro lado, e aqui está o motivo maior, bons argumentadores fazem com que opiniões pessoais pareçam verdades absolutas; isso, só mesmo a linguagem impessoal (em terceira pessoa) pode realizar.

Observação: existe a possibilidade de ser utilizada a primeira pessoa do plural (*nós*), contudo esse subterfúgio só deve ser empregado quando estivermos diante de um contexto mais

humanístico, em que a inclusão genérica do enunciador seja bem-vinda. É o que acontece em muitas provas do ENEM, que por apresentar, muitas vezes, um caráter nitidamente social, acaba fazendo com que o aluno se sinta à vontade para redigir estruturas como *“Devemos buscar, então, os meios adequados para diminuir tamanho flagelo social”*.

1.2.5. Adequação à norma culta e aos índices de formalidade: a dissertação é um texto técnico e, como tal, deve seguir um conjunto mínimo de regras. Nesse contexto, o registro formal e culto deve ser empregado pelo aluno. Assim, todas as modalidades relativas à boa gramática, desde as regras de acentuação, pontuação, concordância, regência, entre outras, até o não uso de gírias ou de vocábulos considerados de baixo calão deverão ser observadas.

1.2.6. Qualidades essenciais: para que sua dissertação consiga obter o grau máximo, mais alguns detalhes deverão estar presentes: clareza (por isso não se deve redigir um texto muito hermético), coerência, coesão (esses dois aspectos serão trabalhados em aulas posteriores), senso crítico, uma pequena dose de originalidade e profundidade. Todos esses elementos somados farão com que o candidato consiga causar excelente impressão à banca corretora e, por isso, a nota será alta.

Você deve ter percebido a partir do exposto, que escrever uma dissertação “perfeita” não é uma tarefa fácil. Muito pelo contrário, trata-se de uma atividade bastante complexa que requer do aluno concentração total aliada a muita prática. Vamos começar nossos esforços? Mãos à obra!

## 2. EXEMPLOS DE DISSERTAÇÃO:

### Redação 1

Tema: Por que o vestibular é considerado problemático?

Nota: 10,0

#### Os piores cegos

Quando o assunto é vestibular, não há calmante suficiente. Nem remédio algum para a miopia que se revela nesse período. Sem dúvida, a pressão da família, o mito do momento decisivo e a falta de maturidade dos candidatos são os principais fatores que levam pais e filhos ao desespero. Nem sempre, no entanto, a culpa é do concurso, mas isto poucos conseguem enxergar.

As dificuldades começam em casa e atingem a quase todos. Rigorosos ou não, os pais costumam reforçar as pressões que os alunos sentem no ar, na aurora do ano em que se diplomam no Ensino Médio. Frequentemente, a cobrança de outros se transforma em cobrança pessoal, o que implica, sem sombra de dúvida, um mal ainda maior.

Como se não bastasse ter as atenções do resto do mundo voltadas para si, o vestibulando enfrenta uma situação considerada única e, por isso, decisiva. Porém, isso não deveria ser assim. Afinal, existem provas todos os anos e, além disso, sempre é hora de mudar, sobretudo quando se trata de uma decisão tomada em plena adolescência.

De fato, outro fator que contribui para a mitificação do concurso é a idade da maior parte dos candidatos, variando em torno dos dezoito anos. As dificuldades desse período da vida não são poucas, e o vestibular vem multiplicá-las na mesma medida em que é por elas alimentado. Como

resultado, cria-se um círculo vicioso, que atinge a todos sem constrangimento e não permite que se vejam alternativas.

Portanto, é evidente que a natureza do vestibular não é problemática. Elementos “externos” são os reais complicadores, e devem ser combatidos – seja pela conscientização de pais e alunos, seja pela imposição de um novo modelo, mais racional – a fim de que o ano do concurso seja um momento saudável, de construção da personalidade, e não de deterioração desta. Abrir os olhos para essa realidade – querendo enxergá-la – é tão fundamental quanto estudar.

## Redação 2

Tema: Consumismo no Brasil: comportamento natural ou prejudicial?

Nota: 10,0

### Em busca do tênis perfeito

Nas últimas décadas do século XX, a popularização dos meios de comunicação de massa foi acompanhada pela evolução da publicidade. Como consequência, houve a explosão, no Brasil, a partir da década de 80, dos objetos do desejo. No país, tal exacerbação do consumismo apresenta aspectos peculiares, ao contrapor-se à realidade socioeconômica local.

A penetração do ideal do ter reflete a dominação cultural dos EUA sobre o Brasil. Os objetos “glamourizados” pela mídia trazem o modelo de vida estrangeiro, desvalorizando a cultura nacional. Dessa forma, o brasileiro deseja, muitas vezes, possuir bens inadequados ao seu ambiente e necessidades primordiais, e, principalmente, economicamente inviáveis à maior parte da população.

Por isso, nos centros urbanos, assiste-se ao crescimento de maneiras ilícitas de obter maiores ganhos. Num país em que a má distribuição de renda beira o absurdo, a população de baixa renda é submetida aos mesmos ideais consumistas dos mais ricos. De tal maneira, crianças e jovens miseráveis e sem perspectivas de educação ou emprego atiram-se ao tráfico de drogas e a assaltos em busca do tênis de marca.

Não apenas com a violência gratuita em níveis alarmantes, mas também com o alto número de golpes e a corrupção, observa-se a decadência moral da sociedade. Valores éticos, solidariedade e respeito são suprimidos em favor do consumo irracional numa economia que não o suporta.

Com isso, cresce a descrença no futuro do país, fazendo com que essa prática apresente-se muito mais como um mal a ser exorcizado do que algo necessário para a evolução da população. O consumismo exagerado, portanto, contribui para o agravamento das mazelas do país. Para reverter tal quadro, deve-se procurar o resgate da cultura nacional e a recuperação de valores através da mídia. Assim, em vez de propagar o “compre”, essa propagará educação, fundamental na construção de um país justo. O tênis perfeito será finalmente substituído por um Brasil mais igualitário.

## Dissertação exemplar – parte 1

A fim de aprofundar seu estudo sobre a dissertação, separamos diversos textos com conteúdo considerado acima da média. Leia-os com atenção e verifique quais aspectos fazem com que eles se diferenciem dos textos *comuns*.

### Redação 1

#### Tema: Problemas da democracia no Brasil

##### De olho no picadeiro

Sabe-se que o Brasil é, historicamente, marcado por absurdas desigualdades sociais e por nenhuma medida política eficaz para, pelo menos, amenizá-las. Nesse contexto de displicência governamental, o abismo entre as classes apenas aumentou, chegando, nos dias atuais, a uma assustadora realidade de divisão e segregação. O paradoxal, no entanto, é que mesmo em um país de gritantes diferenças, há quem acredite viver em uma plena democracia.

A princípio cabe ressaltar que após a implantação do modelo neoliberal de produção, ficamos ainda mais distantes do conceito democrático. De fato, a política do estado mínimo corrói os alicerces sociais na medida em que saúde, educação e previdência social são confinadas ao segundo plano de investimentos. Esse verdadeiro ataque aos patrimônios populares é uma negação ao desenvolvimento do chamado “governo do povo”. É o maior exemplo de violência social que pode existir.

Como se não bastasse o jogo político na economia, ele também se faz presente em nível psicológico. Nesse sentido, não é raro que novas medidas do governo sejam ineficientes, porém sempre amplamente divulgadas. Qual brasileiro não ouviu falar do bolsa-escola? ou até mesmo que algumas terras já estão sendo redistribuídas? Puro marketing da autopromoção, remontando aos tempos varguistas. A hipocrisia, deste modo, consiste em supervalorizar a intenção, ofuscando a eficiência da ação, mantendo as discrepâncias sociais e o controle ideológico de grande parte da população.

Além disso, a ação política é indissociável da predisposição do povo à submissão e ao controle. Um bom exemplo é o sistema carcerário atual, que confina presos em um pequeno espaço quase que animalizando-os. Por outro lado, enquanto muitos se espremem em uma reduzida jaula, o juiz Nicolau tem recaídas depressivas em sua prisão especial e é liberado para a casa algumas vezes. Revolta popular? Nenhuma. A naturalidade com que encaramos essa violentação aos direitos sociais, também nos torna, em parte, antidemocratas.

Sendo assim, governo e povo são aliados no retardamento da construção da democracia. Não se pode duvidar de que, entretanto, somos apenas espectadores nesse circo instaurando no Brasil. O importante, na verdade, é negar a passividade e também contribuir para o andamento do espetáculo que, até o momento, só teve o palhaço em cartaz.

### Redação 2

#### Tema: Violência social e construção da democracia no Brasil contemporâneo.

---

### Política de vanguarda

Violência, miséria, segregação social. Essas são as bases do Brasil contemporâneo, do Brasil individualista, do Brasil que vive a teórica democracia. Nessa conjuntura, fica evidente a miopia de uma sociedade que não observa a ruína dos direitos humanos e o caos iminente do quadro sócio-político do país.

Por permanecer cega, inerte e apática, a população segue demolindo os alicerces que estruturam a sociedade. Em nome do individualismo e da busca incessante da acumulação de capital, a elite busca isolar-se cada vez mais do mundo real, mesmo que para tanto torne-se cúmplice e vítima da violência social que se faz presente. De fato, a riqueza agride tanto ao miserável quanto a miséria fere aos olhos da minoria que pode comprar óculos escuros. Diante de tanta ignorância humana, cumpre questionar onde se encontram o regime democrático e o governo do povo para o povo.

Sendo assim, cabe ressaltar que vivemos em um país onde muitas são as perguntas e raras são as respostas. O que se têm, portanto, são apenas discussões inúteis e um conjunto de medidas que agravam ainda mais os casos de agressão aos direitos humanos. Um fato que comprova isso é o surgimento da “indústria da violência”; carros blindados, “condomínios excluídos” e os inúmeros políticos que fazem da segurança uma arma para declaração de direitos do cidadão, já que segurança passou a ser direito de poucos.

Além disso, vale ressaltar que muitas são as formas de agressão, desde a violência gratuita, até a provação do direito de viver com dignidade. Contudo, o que se percebe de comum na realidade do país é um sistema político anacrônico, em desacordo com a ideologia internacional do neoliberalismo e da globalização. De fato, fica difícil manter a democracia e os ideais de liberalidade e igualdade quando o estado deixa de ser nação e passa a ser empresa ou ainda, quando se derrubam fronteiras e não se respeitam as diferenças.

Torna-se evidente, portanto que a violência social e a destruição da democracia no Brasil contemporâneo não são culpa da sociedade, mas a responsabilidade sim desse modo, fica claro que o brasileiro é um irresponsável consciente, que vive fora dos padrões da vanguarda sócio-política. O que o torna diferente, é justamente o fato de não soneira com uma ideologia que esteja de acordo com suas verdadeiras necessidades, mesmo que ela seja considerada ultrapassada.

### Redação 3

**Tema: A importância do amor no mundo contemporâneo**

#### À procura de lucidez

Basta estar vivo para conhecer clichês sobre o amor, mesmo sem tê-lo sentido. Até os mais dignos poetas se deixam levar pelo lugar-comum das maravilhas e paradoxos desse nobre sentimento. De Camões a Drummond, de Shakespeare a Vinícius, o amor tem povoado textos que, se não têm valor literário, pelo menos ajudam jovens pouco inspirados a conquistar belas moças. Nesse contexto de tamanha unanimidade, seria ousado discordar. Mas o risco talvez valha a pena.

Na maioria das vezes, atribui-se ao amor um papel subversivo em um mundo marcado pelo materialismo. Diante das exigências do capitalismo, que impõe aos indivíduos uma rotina apagada de trabalho e sofrimento, a paixão seria um contraponto decisivo. Na base dessa ideia,

encontra-se uma premissa equivocada: a de que o prazer não pode advir da rotina, do trabalho e da produção. Basta, porém, conversar com pessoas bem-sucedidas em suas profissões para descobrir que sua relação com as tarefas diárias é bastante positiva. Nesse caso, paixão e trabalho não se excluem; pelo contrário, ajudam-se. Assim, o amor só constituiria um refúgio para aqueles que são frustrados nos outros campos da vida.

Na origem dessa percepção equivocada, encontra-se outra falsa oposição. Trata-se do antagonismo entre sentimento e racionalidade, segundo o qual o aquele é mais importante que esta. A quem sustenta essa visão, vale lembrar o pensador italiano Antonio Gramsci, para quem o amor também demanda inteligência. De fato, o estabelecimento de relações sentimentais saudáveis deve ser feito com base em sensatez e reflexão. Sem essas qualidades, um namoro ou casamento tende a se dissolver nos exageros típicos da irracionalidade. Não é sem motivo que a palavra paixão tem a mesma raiz etimológica que patologia: ambas remontam à ideia de doença.

Nesse sentido, não será demais afirmar que o amor excessivo pode ser absolutamente prejudicial. Indivíduos improdutivos, relações improdutivas, sociedade improdutiva. Eis as consequências do exagero sentimental. Em seu lugar, um pouco de comedimento ajudaria a tornar as pessoas mais equilibradas. Desse modo, em vez de gritos, mortes e suicídios, pode afluir uma harmonia serena, na medida em que a maturidade amorosa costuma ser muito mais profunda e duradoura que os desejos momentâneos. Quem discordar dessa perspectiva e quiser citar poetas e filósofos deve se lembrar do seguinte: ao escreverem seus textos sobre o amor, eles possivelmente estavam cegos. De paixão.

## REDAÇÕES DE VESTIBULARES ANTERIORES

### Redação 1

#### UFRJ 2004 (Identidade da música brasileira)

##### Antropofagia musical

Historicamente, a cultura brasileira sempre foi criticada por não ter uma identidade própria, sendo um misto adaptado das culturas indígena, europeia e africana. No entanto, esta crítica mostra-se inválida, visto que uma evolução cultural ocorre pelo contato entre diferentes costumes alimentares, religiosos e musicais. A música brasileira é um exemplo da consolidação da identidade cultural do Brasil, uma vez que essa constitui o espelho dos acontecimentos do país e as características de seu povo.

Na era da globalização, em que as fronteiras foram eliminadas, verifica-se um fenômeno curioso, que primeiramente, pareceria paradoxal. O acesso à internet permitiu um intenso intercâmbio entre culturas, o que promoveu uma verdadeira “invasão” de bandas de rock e cantores “pop” no seio musical brasileiro. Entrementes, o surgimento e a disseminação de ritmos como o funk e o forró mostram uma reação da música brasileira a esse processo.

Esse nascimento de estilos genuinamente brasileiros, como o funk, corrobora o fato de que a música é o reflexo das transformações sociais. Vítimas de um déficit educacional abissal e do abandono governamental, os criadores do funk retratam, por meio da música, as consequências do descaso que assola grande parte da população. Embora, não seja um protesto, como ocorreu na Tropicália, percebem-se os efeitos da crise moral vigente por meio desse estilo musical e



consolidação efetiva de nossa identidade cultural.

Nessa perspectiva, em que a música brasileira está sentada em bases sólidas, toda a nossa cultura é contaminada por essa valorização do que é nacional. O movimento modernista foi o grande responsável por esse acontecimento. Com esse, o povo brasileiro passou a ser retratado tal como ele é, e com isso, passamos a apreciar a vasta riqueza deste “caldeirão” de raças e culturas que se chama Brasil.

O fato de nossa cultura ser resultado de uma experiência antropofágica não faz dela melhor ou pior que outras, mas especial por ser tão diversificada. Sem a conotação hiperbólica usada pelos românticos para caracterizar o Brasil e sua cultura, podemos, ainda assim, dizer que somos privilegiados e temos o imensurável regozijo de sermos donos de um acervo musical abastado e consolidado, único no mundo.

## Redação 2

### UFRJ 2004 (Identidade da música brasileira)

Beleza sim, nacionalismo não

Quem vai à História descobre logo que o samba não seria o mesmo sem os ritmos africanos e as danças latinas, o mesmo valendo para outros estilos “tipicamente” brasileiros. Por isso, acaba vendo como histeria o alarme diante da música americana nas rádios e lojas de CDs. Entretanto, a velocidade das influências, hoje, é realmente motivo de preocupação. Afinal, embora as trocas estejam na base de qualquer cultura, a globalização econômica as torna excessivas, exigindo mecanismos de “filtragem”.

Ainda que existam pessoas que idealizem a ideia de pureza cultural, a análise histórica sempre revela intercâmbios nas mais diversas manifestações. Não seria diferente com a música brasileira, criada em um país marcado pela convergência de raízes étnicas diversificadas. Nessa perspectiva, parece razoável afirmar que a riqueza dos ritmos e melodias nacionais seja diretamente proporcional à multiplicidade dessas fontes, todas misturadas de modo singular.

Entretanto, essa “singularidade múltipla” também não deve ser idealizada. Nem todas as influências externas são positivas, sobretudo quando as “trocas” culturais são rápidas demais. É exatamente isso que vem ocorrendo hoje, no contexto da globalização. A música estrangeira, principalmente norte-americana, impõe-se como um gosto único, massificado, dentro de uma lógica que inclui gravadoras, emissoras de rádio e TV, além do cinema e da Internet.

Embora não se trate de uma ameaça extrema, esse panorama precisa de atenção. Mais do que perder a identidade da música brasileira, corre-se o risco de perder sua qualidade. Nesse sentido, “filtros” inteligentes podem ter um papel decisivo. Em vez de criar leis para impedir as influências, faz mais sentido educar musicalmente as pessoas. Se a expressão musical nacional tiver mesmo qualidade, basta apurar os ouvidos do público. O resto é natural.

Dessa forma, valorizando o contato do público com as expressões culturais de qualidade, a identidade musical brasileira pode manter sua riqueza. A esse propósito, Tom Jobim costumava afirmar que a música é exatamente nossa maior qualidade, aquilo que nos torna 1º mundo. Resta seguir a lição de mestre e olhar para o que aqui se produz, não por simples nacionalismo, mas principalmente por admiração do belo.

## Redação 3

### UFRJ 2005 (A valorização do corpo)



### Corpo são, mente insana

Basta uma hora diante da televisão ou em um shopping para perceber que a valorização do corpo faz parte da visão de mundo atual. Academias, tratamentos, cosméticos — tudo isso reflete uma lógica cultural tão difundida quanto ilusória. Embora tenha raízes históricas, o culto ao corpo constitui hoje uma distorção, cujos efeitos têm sido bastante negativos para a maior parte das pessoas.

Um olhar para a história nos mostra que as mais diversas sociedades e épocas tiveram seus padrões de beleza associados a formas físicas. Sobretudo nos períodos em que o homem se colocou como centro do universo, o corpo teve papel cultural de destaque. O Renascimento, em especial, representa esse conceito, que sempre esteve baseado na relação orgânica entre aparência e essência. Assim, a beleza externa seria a expressão desejável de uma essência completa.

É justamente essa relação que parece ter sido perdida pelo homem contemporâneo, que se baseia na falsa premissa de que corpo e alma constituem dimensões distintas. Sem dúvida, as pessoas passam a se preocupar com uma aparência dita perfeita, que não reflete seu modo de ser. Para os modelos da publicidade, essa beleza padronizada parece bastar; para uma pessoa real, ela nunca será suficiente.

Em virtude dessa ilusão, criam-se efeitos perversos para dois grupos de pessoas. O menor deles, com acesso a essa indústria da beleza, compromete a saúde do corpo e nunca estará em harmonia consigo mesmo. O segundo, formado pela maior parte da sociedade, encontra-se excluído dessa lógica, não porque queira, mas porque não tem poder aquisitivo para nela se integrar por completo.

Pode-se perceber, portanto, que não há por que colocar o corpo em um plano inferior à mente, uma vez que dele também dependemos para viver bem. Nesse sentido, a valorização do corpo, por si só, não chega a ser um mal. O problema é imaginar que a harmonia, a beleza e a felicidade possam ser alcançadas exclusivamente pela ida a shoppings e academias. Eis a ilusão a ser superada.

## Dissertação Exemplar – Parte 2

Abaixo, avalie uma proposta de redação que contém os mesmos padrões utilizados pelo ENEM. Depois, leia as redações que receberam diferentes notas na mesma banca. Procure perceber a capacidade argumentativa, coerência e coesão, e as diferenças de linguagem entre elas. Tente compreender por que cada uma recebeu a nota atribuída.

### MODELO DE PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema “A violência na escola brasileira: como mudar as regras desse jogo?” Apresente experiência ou proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

#### Texto 1

Até que ponto a violência das ruas penetrou nas escolas do Brasil? Essa questão até agora só podia ser respondida com especulações baseadas em incidentes de maior repercussão, que aparecem na imprensa. Um levantamento realizado pela Unesco, o braço das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura, que será divulgado nesta semana, é o primeiro a examinar a insegurança na escola por meio de estatísticas. O estudo conclui que na maioria dos colégios, sejam eles públicos, sejam eles privados, a violência atingiu tal patamar que os alunos estão tão inseguros na sala de aula como se estivessem na rua. Para chegar a esse diagnóstico, foram entrevistados 34 000 estudantes, 13 400 pais e professores de 340 escolas de catorze capitais durante dois anos. “A violência no entorno da escola chegou a um ponto tão alarmante que ultrapassou os portões e invadiu o ambiente escolar”, diz a socióloga Miriam Abramovay, coordenadora do estudo da Unesco. “Pudemos comprovar também que não passa de mito a ideia de que apenas os estabelecimentos de ensino público convivem com tráfico de drogas, armas e gangues. A situação é bem parecida no ensino privado.”

Os pesquisadores da Unesco consideram como violência na escola agressões, roubos e assaltos, estupros, depredações, armas e discriminação racial. Em décadas passadas, a violência dentro das instituições de ensino era vista como decorrência da rebeldia natural da adolescência. Os primeiros estudos sobre o assunto datam de 1950 e estão repletos de relatos de depredações e respostas malcriadas de alunos indisciplinados. O que antes era rebeldia hoje é crime de verdade. Nunca foi tão fácil o acesso a drogas e armas. Nem sequer é preciso procurar drogas fora da escola, pois muitos estudantes são também traficantes. “Temos alunos na cidade que se matriculam apenas para traficar”, observa Jucinéia Santos, secretária de políticas educacionais do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp). “Há aluno que vende crack às 8 horas da manhã. Quem deve a ele pode ser baleado no pátio, na hora do recreio”, diz.

---

Veja alguns números do levantamento:

- Dos alunos que têm arma de fogo, 70% já levaram seus revólveres para a escola.
- As ameaças contra professores tornaram-se mais constantes e perigosas: 50% do corpo docente de São Paulo e 51% do de Porto Alegre relataram algum tipo de agressão.
- Quatro de cada dez professores atribuem a violência ao envolvimento dos alunos com drogas.

(Adaptado de Veja on-line; acesso em 21/06/2011)

### Texto 2

O menino Vitor Fernando Dutra Gumieiro, de 9 anos, foi agredido por cinco garotos da mesma faixa etária dentro da sala de aula e na saída da Escola Estadual Adolfo Alceu Ferrero, anteontem, em São Joaquim da Barra, na região de Ribeirão Preto (SP). Devido à agressão, ele foi internado e passou por exames de tomografia e ressonância magnética em Ribeirão Preto. Vitor terá alta hospitalar amanhã e usará colar cervical por 15 dias.

Segundo a mãe, Kênia Helena Silveira Dutra, de 27 anos, o filho sofre com as brincadeiras de colegas porque é gago. Após a agressão na escola, ele não mencionou nada em casa. Dentro da sala de aula (3ª série), ele foi atingido por um soco, um tapa e um golpe de mochila. Na saída da escola, a inspetora o mandou sair pelos fundos, mas os agressores perceberam e o cercaram, desferindo socos e chutes em seu corpo.

(<http://www.estadao.com.br/noticias/geral>, acesso em 21/06/2011)

### Texto 3

A violência protagonizada pelos jovens nas escolas é uma realidade inegável. A sociedade terá que se organizar e insurgir-se ativamente contra este fenômeno. De igual modo, a escola terá que ajustar os seus conteúdos programáticos e aproximar-se mais das crianças. Devido às exigências, as famílias muitas vezes destituem-se da sua função educativa, delegando-a à escola. No meio de toda essa confusão, estão as crianças, que atuam conforme aquilo que observam e agem consoante os estímulos do meio. Meio esse que por vezes oferece modelos de conduta e referências positivas questionáveis.

(Trabalho realizado para o módulo de "A escola e os seus agentes perante a exclusão social" do Doutorado em Educação Social)

### **INSTRUÇÕES:**

- Seu texto tem de ser escrito à tinta, na folha própria.
- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.

- O texto deve ter, no máximo, 30 linhas.
- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.

Agora, leia algumas das redações feitas para esse simulado. Compare-as e perceba os aspectos fundamentais que diferenciam um texto de outro.

## REDAÇÕES EXEMPLARES – SIMULADO ENEM 2011

### Redação 1

Nota: 4,0

#### Insegurança do que chamamos de lar

Armas, drogas e máscaras são o que agora encontramos em lugares de conforto, segurança e alegria, em teoria, mas o óbvio parece ter se tornado inesperado, e o que achamos não passa de ódio e destruição.

O ensino que, ao longo dos anos, tende a somente receber mais valor teórico, não é posto em prática, consequentemente, afetando o aprendizado de centenas de alunos, porém, antes de se julgar o “culpado”, por que não é levado em conta as pessoas que poderiam mudar isso e preferem apenas ficar olhando?

Com a pouca ética de trabalho dada por alguns professores e o costume à revoltas e falta de disciplina de variados tipos de alunos, nos faz perceber que os problemas de educação ocorrem em casa e na escola, onde comportamentos abusivos, agressivos e desrespeitosos não são repreendidos por nenhuma autoridade.

Enquanto for dado mais valor à quantos idiomas se fala, quantas palavras consideradas eruditas ou a elevação de QI de cada um, esqueceremos que somos seres humanos iguais e continuaremos perdendo nossos valores e princípios por ambições que a sociedade nos concede de ser grandiosos e para poucos.

### Redação 2

Nota: 8,5

#### Tiro ao alvo

As vítimas atingidas pela violência dentro do colégio carregam com elas um substantivo que as antecede, o desrespeito. O desrespeito ao professor, ao funcionário, ao aluno. O desrespeito ao “gordinho”, ao “nerd”, o “magricelo”. O desrespeito à diferença, à individualidade. É inevitável tornar-se um alvo.

A violência é um produto de sentimentos negativos acumulados durante o tempo. Sentimentos que muitas vezes são encarcerados e abandonados, podendo refletir em atos brutais. Uma infância sofrida, pais ausentes, a influência do meio e a pressão que ele exercem são fatores pelos quais crianças e adolescentes sofrem e praticam o popular e infeliz bullying.

Além do constante abuso físico e verbal, a violência também é exposta de outras formas, como o roubo, o tráfico e o consumo de drogas, dentro e fora do ambiente escolar, e em casos mais graves, o trauma pode levar a verdadeiras tragédias, como o massacre testemunhado em uma escola em Realengo, no Rio de Janeiro, onde crianças foram assassinadas por um ex-aluno, perturbado até a idade adulta pelo sofrimento no ensino fundamental.

Nesse sentido, é necessário o apoio psicológico às vítimas e aos agressores, por parte da escola, para garantir uma maior estabilidade emocional. É essencial o aumento do policiamento na entrada de armas e drogas nas salas de aula. É preciso promover uma conscientização sobre o perigo e a infelicidade que a violência é capaz de trazer, pois assim, acabar pouco a pouco com as flechas de que ferem gravemente.

Redação 3 – Nota: 10,0

### CONECTANDO POLOS

Devido ao fácil acesso a armas, de fogo ou brancas, e drogas, a violência que antes se mantinha fora dos portões da escola hoje a permeia. Casos de violência entre alunos e desses contra professores são cada vez mais comuns. Algo precisa ser feito.

Primeiramente, deve-se aumentar a segurança das instituições. Colégios que possuem um histórico de casos de violência devem receber patrulhamento rotineiro na entrada e na saída de seus alunos. Além disso, como objetivo de um projeto de lei estadual, é essencial a instalação de detectores metálicos nos portões. Dessa forma, será assegurada a segurança tanto dentro quanto fora das escolas.

Em segundo lugar, deve-se instaurar um departamento que acompanhe e oriente tanto o aluno quanto o professor. Pesquisas mostram que metade do corpo docente de algumas capitais nacionais já foi agredida. Tal departamento será responsável por atender psicologicamente esses profissionais e os alunos envolvidos, orientando também as famílias como proceder diante do fato. Desse modo, teríamos um movimento de diálogo e conciliação – a verdadeira antítese da violência.

Por último, e não menos importante, é o combate ao tráfico dentro dos colégios. Muito frequente no ensino particular, segundo percepção dos próprios mestres, é a causa da maior parte das agressões. Nesse caso, a solução deve ser direta e simples: a instituição deve comunicar não só aos pais, mas também às autoridades competentes. Denunciar, nesse caso, seria a melhor forma de a escola exercer seus deveres da cidadania.

Fica claro, portanto, que o combate à violência escolar é bipolar. Como em uma bateria, seus polos - a escola e a família - devem estar conectados, a fim de que se estabeleça uma corrente que torne a instituição de ensino impermeável ao problema. Com isso, o futuro do país estará blindado contra o horror em uma de suas células fundamentais.

# Planejamento de Redação

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Você já esteve ou se imaginou em uma situação-limite como o momento da realização da prova de Redação no vestibular? É fácil imaginar os *estágios* dessa ocasião tão peculiar em nossas vidas: certa tensão no ar, o silêncio imperando na sala, os minutos do relógio passando tão lentos e, ao mesmo tempo, tão rapidamente, num paradoxo angustiante. Nesse contexto, apenas um pensamento vem à sua mente: resolver a prova a todo custo! Escrever é a regra do jogo, e você deve fazer isso de forma consciente, constante e organizada. Então, você começa a escrever tudo aquilo que foi aprendido, todas as referências lidas, todas as reflexões feitas em sala de aula... Enfim, tudo o que você sabe e que diga respeito ao tema proposto pela banca. Desse modo, a nota atribuída pelo corretor será boa, certo? Errado! Infelizmente, a melhor estratégia não é a descrita acima.

De fato, uma prova de Redação só será corrigida se houver um *caderno de respostas*, devidamente preenchido. No entanto, os alunos têm a (falsa) impressão de que somente no momento em que a caneta é utilizada na folha de prova é que esta será resolvida. Na verdade, a tarefa de produção textual é muito mais complexa, e necessita de uma fase *pré-textual*, talvez até mais demorada que a fase da escrita em si. Por Exemplo: do mesmo modo que um edifício ou uma viagem, para darem certo, devem ser pensados e planejados com antecedência, (no caso do edifício é preciso verificar quantos pavimentos vão existir, o perímetro a ser construído, a disposição dos cômodos, entre outros. Já no caso da viagem, checar o meio de transporte a ser utilizado, o número de dias, conferir a programação, etc.) Um texto também só produzirá o efeito esperado se tiver passado por uma fase de preparação. Essa fase pode ser dividida para fins didáticos, em quatro etapas distintas, que se percorridas com o devido cuidado, permitirão ao candidato um gigantesco salto de qualidade, no que tange a apreciação da banca. Vamos a elas?

## 2. AS ETAPAS DE PREPARAÇÃO

- ETAPA1: Interpretação da proposta de tema

É preciso ressaltar, antes de tudo, que a primeira etapa talvez seja a mais importante de todas. Isso porque se o candidato não tiver conseguido apreender na totalidade aquilo que a banca colocou em discussão, sempre será aplicado algum tipo de penalidade. Essa “falha” do vestibulando, é o que chamamos de fuga ao tema. A fuga pode ser total ou parcial: no primeiro caso, a redação é anulada pela banca (como corrigir um texto que não versa sobre o que foi pedido? Como compará-lo com os demais?) e, obviamente, a nota correspondente é zero; no segundo caso, as possibilidades de erro são inúmeras, com as penalizações variando na mesma medida.

Para que esse tipo de problema não ocorra, é preciso que nos atenhamos a aspectos extremamente importantes, como os abaixo discriminados.

- Dê atenção total a cada uma das palavras que compõem o tema. A banca teve cerca de um ano para pensar na proposta, e se aquelas palavras foram utilizadas, cada uma delas desempenha uma função específica dentro do contexto. Para que a apreensão dos sentidos da proposta seja completa – impedindo que ocorra fuga ao tema – esses sentidos específicos devem ser inter-relacionados para a composição do todo.
- Muito cuidado para não confundir *tema* e *assunto*. A falta de distinção pode levar o aluno a uma falha bastante grave. O assunto pode ser uma referência genérica ou um fato específico; o que o diferencia do tema é que este último é uma discussão direcionada, construída a partir do assunto escolhido. Para maior entendimento, observe os exemplos abaixo:

Ex. 1 - Assunto: Consciência ecológica

Possível tema: O que deve ser feito para que a consciência ecológica aumente em todo o mundo?

Ex. 2 – Assunto: Ataque terrorista às torres do World Trade Center

Possível tema: Causas da intolerância no mundo contemporâneo.

Em ambos os exemplos, fica clara a distinção entre tema e assunto. No primeiro, o assunto vem com uma referência genérica (*consciência ecológica*), enquanto o tema traz uma discussão mais direcionada, em que se questiona um modo para que se aumente a consciência sobre o meio ambiente. No segundo, o caso do atentado terrorista é o assunto usado como pretexto para trazer à tona a verdadeira discussão: os motivos que fazem com que as manifestações de intolerância estejam tão presentes nos dias de hoje.

- Genericamente, podemos dizer que existem três formas de se apresentar uma proposta de discussão temática para o candidato, na ocasião do vestibular:
- Proposta compreendida a partir de um texto-base e/ou uma frase-tema.
  - Proposta compreendida a partir de uma coletânea de textos, que dialogam entre si.  
Observação: nos dois primeiros casos, muitas vezes a frase-tema não está explícita e deve ser inferida pelo candidato com base nos textos da coletânea.
  - Proposta compreendida a partir de texto não-verbal ou de texto híbrido.

Abaixo estão elencados alguns exemplos desses modelos de proposição:



Modelo A – UNIRIO 2003

## O Mundo para todos

Durante debate recente nos E.U.A., fui questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O jovem introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro.

(Cristovam Buarque, em artigo publicado por meio eletrônico.)

Você é favorável à internacionalização de áreas e de bens culturais nacionais?

Modelo B – UFRJ 2000

Na primeira gramática da língua portuguesa, escrita por Fernão de Oliveira em 1536, lemos:

“[...] mui poucas são as coisas que duram por todas ou muitas idades em um estado, quanto mais as falas [...] Nós, já agora, para fazer vocábulos de todo assim como digo não temos muita licença, mas, porém, se achássemos uma coisa nova em nossa terra, bem lhe podíamos dar um nome novo, buscando e fingindo voz nova, como poderiam ser as rodas ou moendas em que agora se fala e dizem que hão de moer com nenhuma e pouca ajuda. Esta tal coisa nunca foi vista, portanto, não pode ter nome. Se agora de novo for achada, trará também voz nova consigo.”

(pp.95-96)

Quase quatrocentos anos depois, em 1923, o escritor carioca, Benjamim Costallat, escreveria em seu romance *Mademoiselle Cinema*, o delicioso trecho:

“O champagne salva muita cousa. Disfarça muita tristeza. No meio do jantar, a mulher já é outra. Ri, diz pilhérias. De sua testa foram varridas as rugas de melancolia...”

Um jazz-band de negros ensurdece com sua alegria forçada as risadas também forçadas daquele fim de jantar.

Tudo ali é simetria — em cada mesa há um casal, um abat-jour colorido, um jarrinho de flores, uma garrafa de Pommery, e os garçons, silenciosos, servem as mesas simétricas, simetricamente vestidos de casaca preta.”

(p.89)

Hoje, as relações entre a renovação do vocabulário e o contexto sociocultural continuam a despertar o interesse, gerando as mais diversas reações, conforme se lê nos três textos a seguir, extraídos de jornais:

“Portanto, a partir de agora, e até prova em contrário, apoio a utilização do termo Cimeira para a reunião de cúpula que acontecerá no Rio. Como vimos em cenas do capítulo anterior, o encontro

virou Cimeira após discussões em inglês, numa decisão que ocorreu no Panamá. As tradutoras para o português eram nascidas em Portugal, summit virou cimeira e assim ficou. [...] Nestes tempos em que as palavras só se perdem, é realmente vantajoso ganhar uma. Já gostei mais um pouco da tal cimeira.”

(Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 25.06.99)

“Há um novo linguajar na praça, talvez filho da globalização, que me obriga a refletir, cada vez que o ouço [...] Já havia me acostumado ao verbo, 'deletar', palavra de boa origem latina, mas importada pelos informatas, quando ouvi um avião de traficante dizer numa entrevista que seu chefe mandara 'deletar o cara'. Até bem pouco tempo, o verbo deles era 'apagar'.”

(Romildo Guerrante, *Jornal do Brasil*, 01.11.99)

Elio Gaspari, em sua coluna no O Globo de 17.10.99, reproduz trecho do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP):

“Estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos — como 'holding', 'recall', 'franchise', 'coffee-break', 'self-service' — e de aportuguesamentos de gosto duvidoso. Em geral despropositados — como 'startar', 'printar', 'bipar', 'atachar', 'database'.”

Reflita, numa dissertação de no máximo trinta linhas, sobre as questões levantadas pelos textos, considerando a afirmação do filósofo Mikail Bakhtine:

“A palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais...”

### Modelo C – UFRJ 2004



(MACHADO, Juarez. *Jornal do Brasil*, 1972.)

A) Leia o cartum de Juarez Machado, reproduzido ao lado, como ponto de partida para o desenvolvimento do seu texto e reflita sobre as múltiplas possibilidades de interpretação que sugere.

B) Dê um título ao cartum de modo que traduza o assunto a ser desenvolvido.

C) Faça um resumo, de até três linhas, do assunto que você escolheu.

D) Redija o texto de acordo com o título e o assunto contido no resumo que você escreveu. A modalidade pode ser predominantemente narrativa, descritiva ou dissertativa, conforme sua preferência.

→ Por fim, deve-se ressaltar o fato de os temas dos vestibulares poderem ser divididos em dois grandes grupos: os denotativos e os conotativos. Para melhor entendimento dessa distinção, resolva os exercícios propostos nesta apostila.

- ETAPA 2: Listagem de ideias, exemplos, referências e argumentos.

Em síntese, nesta etapa você deve elencar em uma folha de *rascunho* toda e qualquer referência que sobrevier acerca do tema abordado. É o que chamamos de brainstorm – tempestade cerebral, ou seja, tudo o que vier em sua cabeça, referente ao tema proposto, anote. Esse trabalho possui dupla função: primeiro, impedir que uma boa ideia seja esquecida no momento da escrita do texto; segundo, permitir ao candidato que suas referências sobre o tema sejam melhor visualizadas e, com isso, a organização das mesmas possa ser mais eficiente.

- ETAPA 3: Organização e seleção das ideias.

Neste momento, você já *passou para o papel* todo o seu conhecimento sobre a proposta de tema. Como você está bem preparado, as referências são muitas e é praticamente impossível que todas elas façam parte do texto final, sob pena de este tornar-se muito superficial. Por isso, deve-se proceder a seleção das melhores ideias, organizadas e associadas entre si, de modo que haja a máxima coerência possível.

- ETAPA 4: Roteirização

Trata-se do último momento pré-textual. Depois de todo o processo anterior, você já deve ter percebido que alguns *parágrafos* começam a se definir. Agora, é necessário preparar as linhas gerais da introdução, a ordem mais adequada para os parágrafos argumentativos que vão compor o desenvolvimento e o encaminhamento da conclusão.

Somente depois de concluir essas quatro etapas, que o candidato deverá começar a escrever. Lembre-se: quanto mais tempo for investido no planejamento do texto, menos tempo será gasto na escrita propriamente dita. Isso porque um texto bem planejado *flui* muito mais do que aquele feito *na hora*, em que o aluno acaba *empacando* inúmeras vezes.

# Uso da Coletânea de Textos

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das consequências mais evidentes das mudanças estruturais na educação, diz respeito à forma de apresentação das propostas de redação. Antes limitados a duas ou três frases, muitas vezes enigmáticas, os temas passaram a incluir fragmentos de textos teóricos, trechos de leis, letras de música, poemas, charges, fotografias, enfim, uma coletânea de ideias e informações para ajudar o aluno a construir seu texto. E o ENEM não constitui exceção a essa “regra”.

Dessa maneira, o ato de redigir propriamente dito, é antecedido de um ato de leitura. Com o material fornecido pela banca, o aluno terá seu raciocínio bem norteado, sem se perder nos inúmeros caminhos que lhe ocorrem ao ler o tema. Ao mesmo tempo, ele deverá exercer sua capacidade de absorver o conteúdo apresentado, adaptando-o a seu projeto de texto, como que numa atividade de reciclagem criativa.

Com frequência, porém, os candidatos confundem uso com cópia ou citação literal. A esse respeito, cumpre lembrar que os fragmentos fornecidos precisam ser interpretados para que se aproveite deles apenas o essencial. Com essa compreensão, o aluno passa a associar as informações e ideias apresentadas, somando às suas. Só assim, ele terá utilizado de forma inteligente e ativa a coletânea. Mais uma vez, portanto, não existe uso fácil; por outro lado, para quem não tem medo de pensar, eis uma excelente oportunidade de enriquecer a redação.

## 2. APLICAÇÃO DA TEORIA

### Coletânea I

1) “Meu partido/ é um coração partido/ e as ilusões estão todas perdidas/ os meus sonhos/ foram todos vendidos/ tão barato que eu nem acredito/ que aquele garoto que ia mudar o mundo/ frequenta agora as festas do “grand monde”.

(CAZUZA, *Ideologia*)

2) “Não sou de São Paulo, não sou/ japonês./ Não sou carioca, não sou português./ Não sou de Brasília, não sou do Brasil./ Nenhuma pátria me pariu./ Eu não tô nem aí./ Eu não tô nem aqui.”

(ANTUNES, Arnaldo e outros. *Lugar nenhum.*)

3) “Eu sei / que a vida devia ser bem melhor / e será.”

(GONZAGA JR., Luiz. *O que é o que é?*)

4) “Qualquer que seja o modelo de desenvolvimento, independentemente de sua ideologia, ele se fará através das pessoas e daquilo que elas forem capazes de realizar a partir de si próprias.”

---

(SOUZA, Herbert de. / Betinho. *Escritos indignados*. RJ. Ed.IBASE, 1991)

5) “De todas as coisas desse mundo tão variado, a única que me exalta, me afeta, me mobiliza é o gênero humano. São as gentes (...) minha amada gente brasileira, que é minha dor, por sua pobreza e seu atraso desnecessários. É também meu orgulho, por tudo o que pode ser, há de ser.”

(RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. 2ª ed. RJ: Francisco Alves, 1995).

6) “Individualista dos pés à cabeça. (...) Sem ídolos, descrente nos políticos e preocupada com o mercado de trabalho, a juventude do estado do Rio lista sonhos resumidos à primeira pessoa do singular: eu.

(...)

Ajudar o próximo, ser feliz, viver numa sociedade mais justa, paz na terra? Não é por aí. Eles não estão interessados em mudar o mundo.”

(VENTURA, Mauro, CÂNDIDA, Simone. “*Jovem troca ideais por ambição*”. In: JB. Caderno Cidade. 06/07/97.)

Levando em consideração os textos acima, disserte sobre o tema Individualismo e compromisso coletivo. Lembre-se de fundamentar suas afirmações com argumentos que evidenciem a coerência de seu raciocínio.

### Coletânea II

Os textos a seguir expõem diferentes aspectos da relação amorosa. Leia-os atentamente.

1) “Os anos 60 e 70 estão mesmo distantes. Os jovens de hoje querem emprego fixo e valorizam o casamento de papel passado. E um terço acha importante a mulher casar virgem.”

(VENTURA, Mauro, CÂNDIDA, Simone, “*Jovem troca ideais por ambição*”. In: JB, 06/07/97).

2) “Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só mulher; pois ser de muitas, poxa! É de colher... — não tem nenhum valor. Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro e ser de sua dama por inteiro — seja lá como for. Há que fazer do corpo uma morada onde clausure-se a mulher amada e postar-se fora com uma espada - para viver um grande amor.”

(MORAES, Vinícius. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. SP: Companhia das Letras, 1991.)

3) “Mudei de roupa: Lee, camisa vermelha, um mocassim legal. Apanhei o livrinho de endereços, acendi um cigarro, preendi o telefone entre a cabeça e o ombro, disquei. Glorinha está? Não estava. Disquei de novo, Kátia está? Não estava. De novo, Ana Maria está? Não estava. Ainda, Gilda está? Não estava. Larguei o telefone, desconsolado. Liguei o rádio. Não podia ficar sentado. Dei uma olhada para o livro de química, para a capa, e saí.”

(FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. SP: Companhia das Letras, 1994.)

4) “Carta de namorado/ é a felicidade mais pura!/ Prazer intenso, emoção que dura,/ certeza de ser amada/ por escrito e por extenso.”

(TELLES, Carlos Queiroz. *Sonhos, grilos e paixões*. SP: Moderna, 1990.)

5) “Dizes que brevemente será a metade de minha alma. A metade? Brevemente? Não: já agora és, não a metade, mas toda. Dou-te a minha alma inteira, deixa-me apenas uma pequena parte para que eu possa existir por algum tempo e adorar-te.”

(RAMOS, Graciliano. *Cartas de amor a Heloísa*. SP: Record, 1994.)

6) “Tenho ciúmes deste cigarro que você fuma/ Tão distraidamente.”

(CESAR, Ana Cristina, *Inéditos e dispersos*. SP: Brasiliense, 1985.)

7) “Por ser exato, o amor não cabe em si/ Por ser encantado, o amor revela-se/ Por ser amor/ Invade/ E fim.”

(DJAVAN, *Pétala*.)

Tomando os textos acima como motivação, discuta o tema proposto - Relações amorosas na atualidade -, construindo um texto dissertativo. Lembre-se de fundamentar suas afirmações com argumentos que evidenciem a coerência de seu raciocínio.



# A Estrutura da Dissertação – A Introdução

## 1. CONCEITO

A palavra introdução é formada a partir do verbo latino *ducere* (levar, transportar, puxar sem descontinuidade, conduzir) e, do prefixo *intro*, derivado do advérbio latino *intro* “dentro (especialmente de casa)”. A partir da etimologia do vocábulo, fica nítido o entendimento do que seria o ato de introduzir o texto: conduzir o leitor ao seu interior, dando noções sobre sua orientação geral e sua organização.

Em outras palavras, o leitor deve “sentir-se em casa” já na introdução, de modo que possa identificar o tema em discussão e prever, genericamente, qual o posicionamento defendido pelo enunciador.

- Funções/Objetivos:

Como acabamos de ver, uma introdução eficiente deve revelar apenas o necessário para situar o leitor no texto, estimulando-o a prosseguir com a leitura. Para que isso aconteça, o parágrafo deve conter os dois aspectos mencionados:

- A explicitação do tema, ressaltando a relevância da questão em debate. Essa função é extremamente importante, uma vez que é a partir dela, que o enunciador revela para a banca que compreendeu integralmente a proposta.
- A sugestão de uma abordagem para o tema, especificando qual o ponto de vista a ser defendido ao longo do texto.

Observação: Uma introdução para ser considerada excelente, deve conter um “*algo mais*”; ela deve ser capaz de atrair o leitor, atizando sua curiosidade. Isso pode ser obtido mais facilmente, se nela estiver contida uma tese. Entende-se que a tese é a ideia central do texto, a partir da qual derivam os argumentos. Uma tese bem construída garante maior unidade à redação, facilitando o entendimento do leitor. Esse ponto será melhor explicado no momento da resolução dos exercícios propostos.

- Estratégias:

É preciso ressaltar, antes de tudo, que não existe uma “*receita*” única e infalível para se construir uma boa introdução. Isso vai depender de inúmeros fatores, entre eles, o conhecimento de mundo do enunciador e o entendimento do tema propriamente dito. Contudo, algumas técnicas introdutórias podem (e devem) ser assimiladas pelos alunos, a fim de que as funções da introdução sejam cumpridas com a maior eficiência possível e que a banca examinadora possa observar o texto com bastante “*simpatia*” (lembre-se: a primeira impressão conta muito!). Vamos a elas:

→ Introdução por *Citação dos Argumentos*:

É a mais tradicional das modalidades de introdução. Consiste em, após fazer uma contextualização genérica do tema, construir um rápido “trailer” dos pontos que serão aprofundados no desenvolvimento, normalmente com palavras-chave. Costuma-se associar essa estratégia a que vem a seguir (“*Contextualização Específica*”).

Exemplo:

- Tema: Estatuto do Desarmamento

Atualmente, os brasileiros parecem ter que se conformar com uma triste realidade no momento em que ligam a tevê ou leem os jornais: o grande número de crimes cometidos com a manipulação de armas de fogo. No intuito de dificultar essa prática, o governo criou um projeto de lei que prevê grandes restrições à comercialização desses armamentos em nosso país. Nessa perspectiva, aspectos comerciais, sociais e, principalmente, humanos devem ser avaliados para que se chegue a uma conclusão minimamente polêmica sobre a questão.

→ Introdução por *Contextualização Específica*:

Consiste em relacionar o ponto central da discussão a um panorama, um cenário, um pano de fundo, enfim, um painel – construído com o repertório de conhecimento do enunciador – que enfatiza a importância do tema. Os tipos são diversos, e entre eles destacam-se: a introdução por base histórica, a alusão à situação concreta, a enumeração de *tópicos* e a apresentação de dados estatísticos. A seguir, temos alguns exemplos:

Exemplo:

- Tema: A consciência política do brasileiro.

Durante mais de duas décadas, desde o golpe militar de 64 até a eleição de Fernando Collor de Mello como Presidente da República no fim dos anos 80, o brasileiro manteve-se distante das urnas. Não é difícil imaginar que, nesse contexto de afastamento eleitoral, a maior parte da população também tenha acabado por distanciar-se da própria política. Hoje, o que vemos é uma população descrente e desinteressada, que vota mais por receio das punições do que por dever cívico consciente e direito cidadão.

- Tema: A intolerância no mundo contemporâneo.

Onze de setembro de 2001. Nesse dia, o mundo parava – completamente atônito – em frente à tela da televisão. As torres gêmeas caíam e, com elas, simplesmente desmoronava a sensação de segurança que certos grupos e países possuíam. Contudo, uma nova grande realidade emergia juntamente com a ameaça terrorista: a questão da intolerância no mundo contemporâneo e as formas de se combater, em todos os níveis, esse mal.

- Tema: Como o brasileiro deve lidar com um país em crise?

Crise econômica. Crise política. Crise ambiental. Crise de valores. Até mesmo crise de energia... Infelizmente, é nesse contexto de crise em que vive (sobrevive?) o brasileiro contemporâneo. Para lidar com essa situação, diversas medidas são – ou deveriam ser – tomadas, desde o investimento em educação, passando pelo combate aos corruptos até a atenção à Floresta Amazônica. Somente desse modo se pode evitar a saída derradeira: a porta do avião.

- Tema: Analfabetismo funcional no Brasil.

Pesquisas revelam que cerca de setenta por cento dos brasileiros enquadra-se, com maior ou menor grau de intensidade, em um dos maiores problemas educacionais de nosso país: o analfabetismo funcional. Essa disfunção ocorre quando a pessoa lê e escreve, mas não é capaz de entender aquilo que foi lido. Sem dúvida, tal malefício traz diversos prejuízos ao indivíduo e à sociedade, devendo ser combatido em sua raiz mais profunda - a educação de base.

→ Introdução por *Sugestão*:

Consiste em fazer alusões culturais ou citações alegóricas (como as comparações, por exemplo), a fim de chamar a atenção do leitor para a importância da questão.

Exemplo:

Tema: A transgressão às leis no contexto contemporâneo.

Segundo o filósofo grego Aristóteles, “a lei é a razão livre da paixão”. A julgar pelo panorama atual, esse precioso ensinamento vem sendo constantemente desvirtuado. Para muitos, a paixão - como sinônimo de interesses e desejos pessoais - revela-se elemento inerente à observância de uma lei, e, o que é pior, pode ser o pretexto necessário para que esta não seja sequer cumprida.

→ Introdução por *Conceituação*:

*Consiste em expor o tema em conceitos, isto é, dar a definição de alguma palavra-chave (como em um dicionário), ou ainda, explicitar trechos de leis ou textos científicos.*

Exemplo:

Tema: A importância da família.

Em sua etimologia, educar significa elevar, conduzir a um patamar superior. No contexto contemporâneo, a condução do indivíduo a um plano mais elevado depende de diversos elementos, seja a escola, seja o meio social, seja a índole de cada um. No entanto, tudo indica que um fator é mais essencial que todos os outros: a presença da família.

→ Introdução por *Questionamento*:

---

Consiste em fazer um ou mais questionamentos acerca do tema proposto, avaliando, porém, sua capacidade de elucidar ao longo do texto as questões.

Exemplo:

Tema: Identidade cultural brasileira.

Muito se discute sobre a existência de uma identidade cultural do brasileiro. De fato, em um contexto de globalização como o que vivemos, as dúvidas sobre as marcas de uma verdadeira “brasilidade” tendem a surgir. Nesse sentido, cabe perguntar: o que é identidade cultural? Estamos sendo vítimas de dominação estrangeira? Podemos perder nossas principais características? É possível se opor à globalização, reafirmando nossos traços?

- Fórmulas Desgastadas:

Já foi dito que uma *pitada* de originalidade é sempre bem-vinda em qualquer redação, conferindo uma espécie de bônus (em termos de nota) ao enunciador. Do mesmo modo, evitar construções previsíveis que, se não permitem ganhos, ao menos evitam perdas. Por isso, procure evitar ao máximo, construções com formatos *clichês*, como: “Desde a antiguidade, o homem (...)” ou “A humanidade, desde os primórdios, (...)”. Esse tipo de alusão, além de desgastada, não revela qualquer tipo de base cultural do aluno, já que as referências são extremamente genéricas ou inexatas.

# A Estrutura da Dissertação – O Desenvolvimento

## 1. CONCEITO

O desenvolvimento constitui a maior parte do texto dissertativo, e é nele que a introdução se expande. Sua função principal consiste em defender a visão de mundo do enunciador, explicitada ou sugerida no primeiro parágrafo do texto. Vale ressaltar que o desenvolvimento é a parte mais importante da dissertação, pois é nele que surgem os principais recursos argumentativos – justamente aqueles que vão ser responsáveis pelo convencimento do leitor.

## 2. ESTRUTURA E TÉCNICA

- Parágrafo:

Quando pensamos no conceito de *parágrafo*, é comum o imaginarmos sob o escopo puramente formal, como um emaranhado de linhas que se distinguem do todo por haver um espaçamento entre a primeira palavra e a margem esquerda da página. Essa visão é nitidamente equivocada, uma vez que a verdadeira noção de parágrafo vem do plano semântico – e não estrutural.

Como dissemos, a maior parte do espaço do texto é “*consumida*” na fase do desenvolvimento. Para que seja possível ao leitor compreender o todo textual, é imperativo que o raciocínio do enunciador seja dividido em *etapas* ou *segmentos* menores. Cada um desses segmentos é o que chamamos parágrafo. Então, podemos definir assim:

Parágrafo é a unidade do texto que desenvolve um núcleo semântico principal, associado a núcleos acessórios, que devem ser articulados entre si para produzir sentido.

Em outras palavras, o parágrafo de desenvolvimento jamais poderá explanar duas ideias principais. Cada uma dessas ideias, separadamente, deverá estar contida em um único parágrafo.

Além disso, devemos considerar também como deve ser a estrutura interna de um parágrafo-padrão de desenvolvimento. Nesse sentido, podemos afirmar que duas partes são inerentes a um bom parágrafo: o tópico-frasal – um período-síntese da ideia que será desenvolvida – e a ampliação – que nada mais é do que o “*desembrulhar*” do tópico-frasal.

Leia com atenção o exemplo abaixo, escrito para uma redação sobre a criminalidade no Brasil: (Espaço)

*Além disso, deve-se atentar para os fatores socioeconômicos implicados no processo. Ao contrário do que pensa a maioria, não é a pobreza, mas sim o contato desta com a riqueza, que faz com que a criminalidade seja tão presente em nossa sociedade. De fato, em um país em que crianças descalças, sem qualquer perspectiva de ascensão social, fazem malabarismos para pessoas trancadas no interior de seus confortáveis veículos, é mais provável que o crime surja como uma grande “válvula de escape”.*

No parágrafo de desenvolvimento anterior, o primeiro período constitui o tópico frasal; os demais períodos são responsáveis pela ampliação – no caso, feita pelo processo de exemplificação.

- Coerência:

Em uma análise superficial, ser coerente significaria “*não cair em contradição*”. Entretanto, uma análise mais aprofundada permitiria trabalhar a coerência como a produção de sentido para o texto dissertativo. Essa *produção de sentido* deve ser buscada sob duas perspectivas distintas, mas complementares; é o que chamamos de coerência interna e de coerência externa.

Entende-se por coerência interna o conjunto de informações não contraditórias e sequenciadas logicamente, que compõem o todo textual. Por exemplo, em um texto em que se busca avaliar as causas, as consequências e propor soluções para uma determinada questão – cada um desses tópicos desenvolvido em um parágrafo –, é coerente fazer com que os parágrafos do desenvolvimento sigam exatamente a ordem anunciada, do contrário, teríamos uma situação no mínimo *estranha*: a proposição de soluções para um problema pouco conhecido em profundidade (devido à ausência das causas) pelo leitor.

A coerência externa, por sua vez, trata da associação do texto com o mundo em que vivemos. Em outras palavras, de nada vale uma redação que produz sentido internamente se ela não é razoável com a realidade exterior. Um exemplo disso ocorreria em uma redação em que, ao buscar as soluções para o problema da violência no Brasil contemporâneo, o enunciador propusesse o fim das favelas e o extermínio dos traficantes de drogas. Essa “*possibilidade*” prescinde de coerência externa por diversos motivos:

- a) a maioria dos moradores das comunidades carentes não são violentos;
- b) mesmo que fossem, seria impossível simplesmente dar um “*fim*” aos conglomerados habitacionais (onde colocar tanta gente?);
- c) não existe, oficialmente, pena de morte no Brasil;
- d) os traficantes não são os únicos responsáveis pela violência.

Assim, é claro que o grau de apreciação do corretor sobre um texto desse tipo seria baixo, o que implicaria uma nota ruim.

- Coesão:

A coesão e a coerência estão intimamente ligadas. Se a segunda é responsável pela parte do conteúdo, pode-se dizer que a primeira se responsabiliza pelo plano formal do texto. Sem dúvida alguma, é impossível um texto produzir sentido sem que haja algum tipo de ligação entre suas partes. É aí que entra o conjunto de mecanismos conhecido como *recursos de coesão*.

Os recursos de coesão são inúmeros: pronomes, advérbios, sinônimos, epítetos, metonímias, frases de apoio, termos-síntese, entre outros. Esses termos contribuem para um melhor entendimento do texto. Em breve, uma aula específica trará maiores esclarecimentos e considerações sobre tais mecanismos.

Na aula de hoje, é válido destacar dois recursos principais: os *conectivos* (ou *conectores*), entre os quais se destacam as conjunções coordenativas e subordinativas, as palavras ou expressões denotativas e os advérbios; e os chamados “*ganchos*” *semânticos*, que são espécies de “*pontes*” para a continuação do raciocínio.

---

- **Argumentação:**

Argumentação é, de modo geral, um conjunto de procedimentos linguísticos, utilizado pelo enunciador para convencer o leitor, obtendo sua adesão.

→ *Recursos Argumentativos:*

- a) Argumento de Autoridade: Caracteriza-se pela citação de um pensamento ou frase de uma autoridade no assunto que está sendo debatido. Entenda como autoridade, o indivíduo que possui algum tipo de *especialização* no assunto em pauta e é reconhecível pelo homem médio.  
Há prós e contras na utilização desse tipo de argumento. O seu emprego é positivo quando permite evidenciar capacidade de leitura e reflexão por parte do enunciador, inter-relacionando discursos. É o que chamamos de *intertextualidade*. O caráter negativo, por sua vez, resulta no perigo de que o pensamento que compõe o texto seja mais expressivo e contundente que o discurso do próprio enunciador. É por isso que o argumento de autoridade deve ser utilizado sempre com comedimento e bom senso, sob a pena de retirar a marca de pessoalidade do discurso.
- b) Argumento de Prova Concreta: É extremamente eficiente se utilizado com correção, pois este tipo de argumento aparece em forma de dados estatísticos, leis, definições do dicionário, fatos de conhecimento público, entre outros. Dá força e consistência à ideia defendida, uma vez que se baseia na realidade.
- c) Argumento Organizado pelo Raciocínio Lógico: Existem três processos principais de organização da argumentação: *o dedutivo*, *o indutivo* e *o dialético*. Em uma aula futura, veremos especificidades acerca de cada uma dessas possibilidades de estruturação do raciocínio.
- d) Argumento de Competência Linguística: Se partirmos do pressuposto de que a palavra é o veículo do pensamento, é necessário antes de tudo, que tenhamos plena consciência do uso dela (e da linguagem como um todo), para que expressemos com clareza e poder de convencimento o que pensamos. É o que acontece, muitas vezes, em um tribunal: o advogado que possui maior domínio da linguagem pode ganhar o caso em tela, se for capaz de convencer o juiz, mesmo sem provas concretas daquilo que afirma.
- e) Argumento por Ilustração ou Exemplificação: É o mais comum dos expedientes argumentativos. O uso do exemplo na redação traz duas vantagens principais para o enunciador:
  - I) ilustra a ideia, tornando-a clara para o leitor.
  - II) revela que o enunciador baseia-se na realidade para construir seu argumento, o que faz com que o texto fique mais convincente. É por essa dupla função que o exemplo costuma ser bem-vindo em um texto dissertativo. Contudo, o excesso de exemplos pode ser prejudicial. Isso porque muitos alunos acabam recorrendo a esse expediente sem qualquer tipo de interpretação da realidade, atendo-se apenas à exposição dos fatos. O texto perde



---

sua força de convencimento e acaba por incorrer em um problema fundamental: torna-se um texto expositivo. Por isso, o expediente do uso de exemplos deve vir sempre acompanhado de bom-senso por parte do enunciador.

# A Estrutura da Dissertação – A Conclusão

## 1. CONCEITO

Após a análise das duas primeiras partes da redação – a introdução e o desenvolvimento –, chegou a hora de tratarmos do desfecho ou encerramento da dissertação. É o parágrafo que chamamos de conclusão.

É comum o aluno no momento em que se prepara para escrever o último parágrafo do texto, sofrer de um mal súbito de relaxamento. Isso porque, após ter “quebrado a cabeça” na introdução e ter criado argumentos coesos, coerentes e consistentes para embasar seu pensamento durante o desenvolvimento, é normal que se tenha a impressão de que o pior já passou. Nada mais equivocado. Sem dúvida, a falta de preocupação com as últimas linhas que compõem o texto é uma estratégia totalmente falha, na medida em que a nota pode ser diminuída nessa etapa. Explique-se: Se o grau atribuído pela banca examinadora só vem após a leitura de toda a redação, parece óbvio que uma má impressão ao fim do texto pode diminuir a nota a ser dada ao aluno. Por isso, devemos atentar para a conclusão, que pode ser convertida em mais um instrumento de aquisição de pontos pelo candidato.

Nesse sentido, uma boa conclusão é aquela que cumpre três objetivos, identificados a seguir:

- Em primeiro lugar, deve-se ter a preocupação de fazer o leitor perceber que o texto acabou. Do mesmo modo que é frustrante assistir a um filme em que o final só é percebido no momento em que as letras dos créditos começam a aparecer na tela ou quando um comediante não consegue fazer o público perceber que sua piada chegou ao fim, uma conclusão que mais parece um outro parágrafo do desenvolvimento jamais será apreciada pelo examinador. O que fazer, então? As possibilidades são inúmeras, mas uma boa dica é começar o parágrafo com uma palavra ou expressão que tenha valor conclusivo. Palavras e expressões denotativas como “*desse modo*”, “*sendo assim*”, “*portanto*”, “*então*”, “*dessa forma*” e outras afins, constituem ótimas sugestões.
- Em segundo lugar, a boa conclusão deve buscar ser uma decorrência *natural* daquilo que foi dito ao longo do texto. Em outras palavras, ela deve ser uma espécie de síntese ratificadora da argumentação do enunciador. A dica aqui, consiste em tentar parafrasear aquilo que foi sugerido como tese ou ponto de vista na introdução. Sem dúvida, trata-se de uma excelente estratégia para iniciar o parágrafo final.
- Por fim, devemos sempre nos preocupar com aquela boa impressão – já mencionada – que devemos causar à banca examinadora. Por isso, no espaço que ainda estiver disponível para a confecção do texto, o aluno deverá, no mínimo, manter (e, se possível elevar) o nível de interesse do leitor. Trata-se de um “*algo mais*” em relação aos outros candidatos, o que, certamente, renderá bons frutos em termos de nota. Sobre o cumprimento dessa função, falaremos no próximo item.

## 2. ESTRATÉGIAS DE DIFERENCIAÇÃO

- Proposta de Intervenção:

Em uma análise superficial, poderíamos nomear esta estratégia como “*Proposta de Solução*”. No entanto, tal terminologia acabaria por se revelar inadequada, já que, em tão poucas linhas, é quase impossível se propor uma verdadeira solução – de modo que o problema em foco na discussão seja extinto. Na verdade, a nomenclatura com “*Intervenção*” parece mais adequada, pois o aluno tecerá propostas para que aquela realidade negativa seja, ao máximo, minimizada/atenuada. Segue um exemplo, retirado de uma redação já estudada na apostila 2.

Tema – Consumismo: comportamento natural ou prejudicial?

Fica evidente, portanto, que o consumismo exagerado contribui para o agravamento das mazelas do país. Para reverter tal quadro, deve-se procurar o resgate da cultura nacional e a recuperação de valores através da mídia. Assim, em vez de propagarem o “comprar”, os veículos de comunicação propagarão o “educar”, fundamental na construção de um país justo. O tênis perfeito será, finalmente, substituído por um Brasil mais igualitário.

- Sugestão de Figuras:

Consiste em utilizar figuras de linguagem para causar impacto no leitor. As mais indicadas são a metáfora, a comparação, a metonímia, a ironia e a hipérbole. Observe os exemplos a seguir:

Tema - Por que os políticos brasileiros são os primeiros a transgredir as leis?  
(Espaço)

Assim, é nítido que a transgressão às leis é um comportamento moralmente aceito – e enraizado - pelos políticos. A julgar por suas últimas ações, a única solução plausível seria a legalização do comportamento corrupto. Talvez desse modo, em se mantendo a coerência de nossos estimados representantes, o brasileiro poderia orgulhar-se de viver em um país mais honesto.

- Intertextualidade:

Consiste em fazer referências culturais, relacionadas a escritores famosos, filósofos, cientistas, enfim, personalidades em geral. Observe o exemplo:

Tema – A valorização do corpo humano.

Desse modo, fica fácil perceber que vivemos em um contexto de valorização relativa do corpo, com os indivíduos preocupando-se muito mais com a aparência e menos com a essência. Nunca a frase de Vinicius de Moraes – “as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental” – foi seguida tão literalmente. A despeito do pedido de desculpas, o poeta estava equivocado: saúde e inteligência é que são fundamentais.

- Conclusão por Reflexão:

Consiste em buscar a essência do tema. É uma tentativa de superar a simples discussão da questão, atingindo um plano mais elevado de raciocínio. Veja:

Tema – O trabalho infantil na realidade brasileira (ENEM 2005)

Fica claro, então, que o trabalho de nossas crianças não deve ser visto de modo generalizado, sob uma ótica maniqueísta, ou para o bem ou para o mal. Um posicionamento mais objetivo dependerá de como a função desempenhada vai influenciar a vida do menor. Contudo, o ponto central jamais pode ser ignorado: nessa questão, o que está em jogo são a felicidade e o futuro de um ser humano.

- Introdução de Ressalva:

Trata-se de uma tentativa de antecipação à críticas mais contundentes. O enunciador protege-se, reconhecendo algum ponto mais frágil de sua argumentação. Esta estratégia pode ser facilmente relacionada a outras, principalmente no caso da proposta de intervenção. Analise o caso abaixo:

Portanto, um dos maiores flagelos do Brasil atual, o desemprego, pode ser amenizado de modo relativamente simples. Obras públicas, atuação mais severa de sindicatos, incentivos fiscais e cuidados com a economia podem produzir resultados antes inimagináveis. Resta saber se o governo e a sociedade civil organizada estarão dispostos a atuar juntos nesse processo.

### 3. O TÍTULO

*“Perco pontos se não colocar o título na redação?”*

Essa dúvida, certamente passa pela cabeça de muitos vestibulandos. Independentemente da resposta (que, por sua vez, dependerá de cada banca), o que deve ser compreendido é que uma boa redação sempre deve começar por um bom título. O bom título deve ser sugestivo, fazendo com que o leitor tenha vontade de ler o texto do aluno. Deve também, de algum modo, sugerir em linhas gerais a abordagem que o aluno dará ao tema. E o mais importante: deve fazer tudo isso em poucas palavras, causando o maior impacto possível no leitor. Simples, não?

Não, não é. Muitas redações apresentam títulos inócuos, sem qualquer efeito sobre o leitor, pois diversos redatores simplesmente têm preguiça de pensar. Essa despreocupação é totalmente anti-estratégica, tendo em vista que o título também faz parte da estrutura da redação. Portanto, a partir de agora, o título torna-se obrigatório e deve ser pensado com muito cuidado!

Observação: Evite ao máximo fórmulas desgastadas. O uso da conjunção “ou” e do sinal que indica “versus”, como por exemplo em: “Homens ou robôs” e “Criador x criatura”, explicitam um exemplo dessa prática. Slogans publicitários, provérbios copiados literalmente, referências muito genéricas ao tema (“Amor”) e títulos que repetem palavras já presentes no tema também são dispensáveis. Seja criativo!

# Coesão Textual

## 1. CONCEITO

Em nossas primeiras aulas, discorreremos rapidamente sobre a importância de o texto produzir sentido e de as ideias estarem sequenciadas de modo lógico. Chamamos a esses processos, genericamente, de coerência textual. Também falamos sobre a necessidade de fazer com que as partes desse texto estivessem “*amarradas*”, interligadas entre si, e isso se refere à coesão textual. Entretanto, embora as colocações tenham sido inicialmente pertinentes, faz-se necessário trabalharmos mais profundamente a questão da coesão.

A coesão de um texto pode ser definida como um conjunto de mecanismos utilizados com o objetivo de estabelecer ligações ou nexos entre as partes e evitar as repetições de palavras.

Dependendo do objetivo para o qual for utilizado o recurso de coesão, ele fará parte de um grupo específico, que veremos a seguir.

Antes de passarmos ao próximo tópico, é necessário saber os três níveis de ligações que podem ser estabelecidos pelos recursos de coesão: o nível intrafrasal, estabelecendo nexos entre os elementos de um mesmo período; o interfrasal, em que pelo menos dois períodos são interligados; e o interparagrafal, em que o elo ocorre entre parágrafos distintos.

- Tipos de Mecanismos

→ **Coesão Referencial:** A coesão referencial é aquela responsável por evitar as repetições entre as palavras, utilizando-se de recursos que façam referência a termos que vêm antes (função anafórica) ou depois (função catafórica) do mecanismo de coesão. Os recursos utilizáveis são inúmeros; entre os principais, temos os pronomes, os epítetos, os termos-síntese, os sinônimos, os advérbios e os numerais.

Para maiores detalhes, procure resolver os exercícios propostos desta apostila.

→ **Coesão Sequencial:** Os elementos de coesão sequencial, por sua vez, são responsáveis – como o próprio nome sugere – pelo sequenciamento ou andamento do texto. São eles que estabelecem as principais ligações entre as partes, permitindo a manifestação mais concreta da coerência textual. Entre os principais recursos, destacam-se as frases de apoio, os conectivos (ou conectores) e os *ganchos semânticos*. Conheça cada um deles com o auxílio de seu professor.

# Métodos de Raciocínio Lógico

## 1. APRESENTAÇÃO

Desde pequenos ouvimos que a principal característica que diferencia os seres humanos dos animais é o fato de aqueles serem capazes de raciocinar. Sem dúvida, mesmo quando ainda jovem e sem o conhecimento de mundo para pensar de forma mais sofisticada, uma pessoa ordena seus pensamentos de modo a permitir que determinadas decisões sejam tomadas (um simples girar da maçaneta, por exemplo) e, com isso, seus objetivos possam ser atingidos.

Contudo, essa ordenação do pensamento é feita de forma predominantemente intuitiva. É muito raro alguém parar para “*pensar no pensamento*”. Imagine a partir do exemplo abaixo, como seriam nossas vidas se tivéssemos que analisar o pensamento efetuado em cada uma de nossas atitudes.

Exemplo: Um aluno sente fome na hora do recreio. Dirige-se à cantina e pede um sanduíche. Mediante pagamento, o sanduíche é entregue em suas mãos. Ele ingere todo o alimento, matando sua fome. Perceba como os raciocínios são trabalhados de modo imperceptível, quase inconsciente: o aluno raciocinou: “pessoas que têm fome devem comer. Agora estou com fome, logo, devo comer.” E continuou: “sanduíches matam a fome e na cantina há sanduíches, então vou até lá pedir um sanduíche para matar minha fome.” Acabou? Ainda não! “Entretanto, sanduíches pedidos na cantina custam dinheiro. Ufa! Eu tenho dinheiro! Posso comprar um sanduíche.” Poderíamos continuar a sequência de raciocínios indefinidamente. Porém, não cabe aqui descrever, por exemplo, o raciocínio que leva à ingestão do alimento. Resultaria, no mínimo, em uma grande indigestão...

A verdade é que, aos poucos, grandes estudiosos e pensadores passaram a formular métodos, técnicas e teorias para que fosse possível compreender melhor o raciocínio humano. É nesse contexto que surgem os chamados Métodos de Raciocínio Lógico. Eles serão estudados em três níveis ou grupos: os métodos dedutivo e indutivo – na aula de hoje – e o método dialético – que será estudado na próxima aula.

Antes de começarmos os trabalhos, cabe fazer aqui uma ressalva: esse estudo será voltado para a aplicação e o reconhecimento de tais metodologias em textos argumentativos e jornalísticos, sem preocupação com os aspectos teóricos – e filosóficos – implicados em cada caso. Nossa preocupação é permitir aos alunos que potencializem seu poder argumentativo.

## 2. AS ESTRUTURAS DO RACIOCÍNIO

É preciso ressaltar, antes de tudo, que todo e qualquer raciocínio organizado é construído a partir da associação de um mínimo de três elementos ou afirmações. Primeiramente, deve-se partir de uma **afirmação inicial** (ou asserção inicial, mais tecnicamente considerando); depois, é (ou são) apresentada (s) a (s) afirmação (ões) intermediária (s). Derivada da lógica e necessariamente dessa apresentação, surge uma terceira afirmação denominada conclusão. Em cada um dos métodos clássicos de raciocínio, esses três elementos receberão nomenclaturas específicas, como veremos adiante.

Um exemplo clássico de estruturação do raciocínio está no silogismo dedutivo – a ser estudado no próximo tópico – proposto um dia por Aristóteles. Afirmou o grande filósofo:

*“Todos os homens são mortais.  
Ora, Sócrates é homem.  
Logo, Sócrates é mortal.”*

Observadas as estruturas componentes do silogismo, torna-se fácil compreender o que é um raciocínio organizado de modo lógico. Em “*Todos os homens são mortais*”, vemos a asserção inicial. “*Ora, Sócrates é homem*” constitui a asserção intermediária. Evidentemente, inclusive pela natureza do conectivo utilizado, a última afirmação é a conclusão.

### 3. OS MÉTODOS DE RACIOCÍNIO

- Método Dedutivo

Atentando apenas para o entendimento amplo do método, podemos dizer que a dedução é aquela que se organiza do geral para o particular. Dito de outro modo deve-se apresentar como asserção inicial uma ideia de caráter genérico, tida como uma verdade universal, inquestionável ou amplamente aceitável. Essa ideia de caráter universal ou geral recebe o nome de **premissa inicial**. Após isso, com uma ou mais premissas intermediárias, que podem estar explícitas ou implícitas, pode-se chegar a uma conclusão, de caráter particularizado.

Observe o exemplo abaixo:

PI - A prática de esportes faz bem à saúde.

Pi - Ora, a natação é um esporte.

C - Logo, a prática da natação faz bem à saúde.

No caso em tela, estamos diante de um raciocínio essencialmente dedutivo, uma vez que a primeira afirmação (premissa inicial), fala da prática de todos os esportes; uma verdade geral e amplamente aceitável. Depois se apresenta a segunda premissa (intermediária), que permite atingir a conclusão, particularizada, como se pôde perceber.

**Importante:** Neste caso que você acabou de estudar, foi configurado o chamado silogismo, que é a forma típica de raciocínio dedutivo. Ele é sempre formado por duas – e apenas duas – premissas, que justamente por suas caracterizações recebem os nomes de **Premissa Maior** e **Premissa Menor**. A conclusão, como já vimos, mantém seu caráter particular. Essa terminologia também vale para o raciocínio clássico formulado por Aristóteles (2º item desta aula). Além disso, os silogismos podem ser construídos sob duas perspectivas distintas: **categórica** e **hipotética**. O silogismo categórico é aquele composto por proposições categóricas, ou seja, que apenas afirmam ou negam. Por sua vez, o silogismo hipotético apresenta uma hipótese como premissa maior. A premissa menor é sempre categórica, bem como a conclusão. Veja os exemplos:

→ Silogismo categórico:

Crimes hediondos são punidos de forma exemplar.  
O sequestro é um crime hediondo.



---

Logo, o sequestro é punido de forma exemplar.

→ Silogismo hipotético:

Se o tráfico é considerado um crime hediondo, deve ser punido de forma exemplar.

Ora, o tráfico é um crime hediondo.

Logo, o tráfico deve ser punido de forma exemplar.

Agora, atente para o uso e aplicabilidade dos raciocínios dedutivos em textos dissertativo-argumentativos. Todos os exemplos foram retirados de desenvolvimentos de redações feitas por nossos alunos.

#### Exemplo 1:

Tema: Por que o desejo de fama é tão presente no mundo atual?

*É válido destacar, antes de tudo, que o grande objetivo do ser humano em vida é a felicidade. Ser feliz, no mundo capitalista em que vivemos, parece estar baseado em desejos essencialmente materiais – tais como dinheiro e status social. Nessa perspectiva, se considerarmos que a fama é um meio de se atingir de forma rápida tais ideais, não é de se estranhar que seja tão desejada na atualidade.*

**Premissa inicial:** todo ser humano busca a felicidade em vida.

**Premissa intermediária:** a felicidade está baseada em desejos materiais – dinheiro e status.

**Premissa intermediária:** os desejos materiais podem ser obtidos mais rapidamente se o indivíduo tornar-se famoso.

**Conclusão:** a felicidade buscada pelo ser humano pode ser atingida com a fama.

#### Exemplo 2:

Tema: Democracia: uma opção adequada?

*Filosoficamente, o regime de governo considerado ideal é aquele que melhor atende aos anseios do povo. Nesse sentido, a liberdade de expressão está, sem dúvida, entre os principais desejos de qualquer sociedade. Como a democracia é, historicamente considerando, o único sistema capaz de garantir de forma plena a expressão da liberdade individual, é lícito afirmar que se trata de um regime sobremaneira eficaz.*

**Premissa inicial:** O regime de governo mais eficaz é aquele que melhor atende os anseios do povo.

**Premissa intermediária:** a liberdade de expressão é um dos maiores anseios do povo.

**Premissa intermediária:** a democracia é o único regime que garante de forma plena a liberdade de expressão.

**Conclusão:** a democracia é o regime mais eficaz.

Por fim, deve-se afirmar que o raciocínio essencialmente dedutivo possui vantagens e desvantagens no que diz respeito a sua utilização. Como principal vantagem, está o fato de quando escolhidas boas premissas, a conclusão atingida apresenta-se indubitável, inquestionável. Por outro lado, a desvantagem reside – principalmente em textos dissertativos – em certa carga de previsibilidade inerente à construção do raciocínio. Conseguir um meio-termo, extraindo o que há de melhor e “*enxugando*” o que há de pior – eis o grande desafio.

- Método Indutivo

Grosso modo, podemos definir o método indutivo como uma oposição à dedução. Em outras palavras, a indução é o raciocínio que parte do particular para o geral. Assim, a partir de constatações específicas, é possível observar uma espécie de interseção entre elas, que vai ser enunciada como uma verdade ampla, universal. Para melhor visualização desse raciocínio, observe o exemplo abaixo:

Praticar natação faz bem à saúde. Praticar futebol, vôlei, basquete, atletismo, entre outros, também faz bem.

Ora, natação, futebol, vôlei, basquete e atletismo são esportes.

Logo, a prática de esportes faz bem à saúde.

A primeira das afirmações constitui a chamada *evidência inicial*. Todas as outras são as *evidências intermediárias*, que levam à *conclusão* – geral, como visto.

Assim como na dedução, a indução também apresenta vantagens e desvantagens. O principal benefício desse tipo de raciocínio é o fato de permitir que atinjam planos mais elevados de informação, novas descobertas. As grandes “invenções” da humanidade surgiram a partir de raciocínios essencialmente indutivos.

Ao mesmo tempo, a maior desvantagem que podemos apontar está na inconstância da indução. Dito de outro modo, o método indutivo atua no campo das probabilidades; caso, uma das evidências não seja condizente com a verdade universal anunciada, todo o raciocínio deve ser revisto.

Observe agora, a aplicabilidade da indução no desenvolvimento de textos dissertativos:

#### Exemplo 1:

Tema: A pena de morte deveria ser aplicada em um país como o Brasil?

*Pesquisas revelam que, nos Estados Unidos, país cujo ordenamento jurídico prevê a aplicação da pena de morte, a instituição desse tipo de punição não diminuiu a criminalidade. O mesmo parece ter acontecido na China, no Irã e na Arábia Saudita, países que conseguiram notoriedade devido ao rigor das punições. Desse modo, pode-se afirmar que a instituição da pena de morte acaba por se tornar apenas um instrumento de “vingança” do Estado contra o agente agressor – e não uma solução viável contra o crime.*

*Evidência Inicial:* A instituição da pena de morte não diminuiu a criminalidade nos Estados Unidos.  
*Evidências intermediárias:* o mesmo ocorreu na China, no Irã e na Arábia Saudita

**Conclusão:** a pena de morte não é uma boa solução para a criminalidade, qualquer que seja o país.

### Exemplo 2:

Tema: O aumento da consciência ecológica no mundo contemporâneo.

*Estudiosos das Nações Unidas fizeram um levantamento cruzando os dados que mostravam os investimentos feitos em campanhas publicitárias na mídia e os índices de responsabilidade com o meio-ambiente demonstrado por cidadãos de trinta países - distribuídos em quatro continentes. A conclusão do estudo foi bastante esclarecedora: quanto maiores e mais bem estruturadas eram as campanhas, maior o grau de consciência demonstrado pela população. Assim, torna-se claro que educar o povo - usando a mídia como instrumento - é um excelente meio de “cuidar” de nosso planeta.*

**Evidência (s):** a consciência ecológica da população é maior em países que promovem campanhas eficazes a favor do meio-ambiente.

**Conclusão:** a educação e a conscientização do povo são essenciais para a manutenção de nosso planeta.

- Método Dialético

Aristóteles ao conceber a chamada lógica tradicional, enunciou um princípio denominado pelo filósofo como “**princípio de não contradição**”. Segundo esse princípio, as coisas não poderiam “*ser e não ser ao mesmo tempo*”. Dito de outro modo, é considerado *falha de raciocínio* a afirmação e a negação de um mesmo elemento ao mesmo tempo e sob um mesmo aspecto.

Contudo, a partir da própria evolução da humanidade e de suas várias ciências - sociais e humanas, principalmente - esse princípio revelou-se demasiadamente simplista ou insuficiente. De fato, foram percebidas diversas ocorrências em que uma mesma “*coisa*” poderia ser e não ser ao mesmo tempo. Daí a necessidade de se criar um tipo de raciocínio que permitisse combater a lógica aristotélica, possibilitando que o mundo seja entendido em toda sua complexidade – com mais de uma posição e/ou interpretação válida para uma determinada realidade. É aí que surge a **dialética**.

Etimologicamente, a palavra *dialética* significa “*capaz ou apto a falar sobre dualidades*”. Para melhor entendimento, devemos conceber o raciocínio dialético como uma forma de estabelecer uma visão complexa e aprofundada de determinados fenômenos passíveis de serem debatidos nas redações. Nesse sentido, a contradição – muito temida à primeira vista – passa a ser um instrumento muito eficiente para se realizar uma verdadeira reflexão sobre o tema.

Assim como ocorre na dedução e na indução, o raciocínio dialético é composto por três afirmações: **tese**, **antítese** e **síntese**. A tese pode ser definida como o posicionamento inicial em relação à determinada questão suscitada pelo tema. A antítese, por sua vez, seria o posicionamento oposto, contrário àquilo que foi apresentado na tese. A associação desses dois elementos iniciais permitiria construir a síntese, uma forma de superar o “*impasse*” criado pelas duas afirmações. Para facilitar nosso estudo, dividimos a construção da síntese em um texto dissertativo em duas etapas, a serem estudadas a seguir.

→ Síntese Conciliadora na Redação:

Como o próprio nome sugere, a síntese conciliadora é aquela em que a tese e a antítese, embora inicialmente contraditórias, unem-se, complementam-se e são avaliadas de modo a extrair as principais vantagens de cada uma – obviamente, excluindo as desvantagens. À síntese conciliadora corresponderia a tarefa cabal de intermediar a discussão dos extremos, permitindo a construção de um posicionamento intermediário. Um exemplo esquemático pode ser visto no parágrafo abaixo, que versa sobre o desenvolvimento da tecnologia nuclear.

*O maior benefício advindo do domínio da tecnologia nuclear é quase óbvio: trata-se de uma fonte inesgotável de energia, extremamente importante em um mundo cada vez mais dependente do petróleo, um recurso natural finito. Por outro lado, é sabido que, por diversas vezes, essa mesma tecnologia foi utilizada para a construção de armas de destruição em massa – uma ameaça à própria humanidade. Na verdade, pode-se inferir que a discussão não deve residir sobre o desenvolvimento da tecnologia nuclear em si, mas sobre a responsabilidade de cada Estado em sua utilização.*

**Tese:** A tecnologia nuclear é benéfica se utilizada como fonte alternativa de energia.

**Antítese:** Por outro lado, pode trazer prejuízos imensuráveis, se utilizada para fins bélicos.

**Síntese:** Não é o desenvolvimento da tecnologia nuclear que deve ser o objeto da discussão, mas sim o uso que cada país vai fazer dela.

→ Síntese Reafirmadora na Redação

Enquanto a síntese conciliadora revela-se a mais adequada para a construção de um ponto de vista intermediário, um posicionamento mais extremo precisaria de representação. É nesse contexto que surge a chamada *síntese reafirmadora*. A estratégia argumentativa desse tipo de síntese é essencialmente a contra-argumentação. Ou seja, apresenta a tese e a antítese, depois expõe a síntese, que visa derrubar a contradição, mostrando a inadequação da antítese e reafirmando a posição inicial.

Observe o exemplo abaixo, retirado de uma redação que refletia sobre a importância da educação para um país como o Brasil.

*Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que o investimento em educação é fundamental para o nosso país, pois constitui a principal base para o desenvolvimento. Há quem sustente, no entanto, que a “chave” para o sucesso está na escolha de bons administradores como governantes. Os defensores dessa ideia parecem se esquecer de que, por mais capacitada que seja a autoridade governante, o verdadeiro desenvolvimento só ocorrerá com indivíduos realmente qualificados em todos os setores. Esse ideal, somente a educação de qualidade permitiria atingir.*

**Tese:** Investir em educação é fundamental para desenvolver o país.

**Antítese:** Não é a educação, mas a escolha de autoridades competentes que torna possível o salto desenvolvimentista.

**Síntese:** Mesmo que autoridades competentes sejam importantes – e competência advém também de formação adequada –, na prática, uma sociedade só consegue se desenvolver com a qualificação de todos os indivíduos – o que só é possível com boa educação.

#### 4. AS FALHAS DE RACIOCÍNIO

Resumidamente, em relação ao que dissemos até aqui, poderíamos indicar a forma lógica válida de acordo com o seguinte raciocínio:

Se todo X faz parte de Y  
E se Y faz parte de Z  
Logo, X faz parte de Z.

Parece perfeito, não? Apenas parece. Se fizermos uma análise prática do que foi dito, chegaríamos à seguinte constatação:

Se em todas as partes do dia observamos o sol  
E se a noite é uma das partes do dia  
Logo, à noite, observamos o sol.

Em termos lógicos, esse argumento é considerado válido, embora a hipótese expressa em uma de suas premissas seja falsa, assim como falsa é a sua conclusão. Esta é uma das categorias de falhas de raciocínio.

Num argumento inválido quanto à lógica, as premissas são inadequadas para sustentar a conclusão. Esse tipo de argumento é chamado de **falácia**. Vejamos um exemplo de argumento falacioso:

Todos os gatos perfeitos possuem quatro patas.  
Mimi possui quatro patas.  
Logo, Mimi é um gato perfeito.

Independentemente de serem verdadeiras as premissas desse argumento, trata-se de um argumento falacioso, pois da primeira premissa, não é válido concluir que Mimi é um gato perfeito pelo fato de possuir quatro patas. Em outras palavras, as premissas desse argumento não oferecem justificativas lógicas para validar sua conclusão.

As falácias construídas de má-fé, com a intenção de enganar, são chamadas de **sofismas**.

# Crase

## 1. CASOS OBRIGATÓRIOS E EXCEÇÕES

A crase é um fenômeno fonético que corresponde à união da preposição **a** com o artigo **a** e com os pronomes demonstrativos *a, aquele, aquela, aqueles, aquelas e aquilo*. Essa união é marcada por um acento denominado acento grave.

Exemplos:

Vou **à** praia.  
Não dei importância **àquele** fato.

O uso desse acento também ocorre nas locuções prepositivas, adverbiais e conjuntivas, ainda que nesses casos não ocorra verdadeiramente o fenômeno da crase.

Exemplos:

Comprou a casa **à** vista.  
**À** medida que trabalhava, enriquecia.

*Análise agora, os casos a seguir:*

- Antes de palavras masculinas: De um modo geral não ocorre o fenômeno da crase antes de palavras masculinas, contudo, se na frase estiver implícito “à moda de”, usa-se o acento grave. Outro caso em que ocorre a crase antes de palavras masculinas, é em frases nas quais há subentendido um termo feminino.

Eu caminhei **a** pé  
Meu prato favorito é o filé **à** Oswaldo Aranha. (à moda de, à maneira de Oswaldo Aranha).  
Eu pedi ao garçom um bife **a** cavalo. (Não ocorre crase, pois não está referindo-se à moda, ou à maneira).  
Vou **à** João Mendes. (à Praça João Mendes)

- Antes de artigo indefinido: Não ocorre crase

Tive acesso **a** uma bela obra de arte.

Observação: Se o artigo indefinido fosse substituído pelo artigo definido, ocorreria crase.  
Teríamos a seguinte frase: Tive acesso **à** bela obra de arte.

- Antes de verbo: Não ocorre crase.

Ela não estava disposta \_\_a\_\_ largar tudo.

- Antes de pronomes: Em geral, antes de pronomes não ocorre crase, pois pronomes não admitem artigo, exceto “senhora”, “senhorita” e “dona”, que são pronomes de tratamento que, excepcionalmente, admitem artigo, e por conseguinte, crase antes de si. Já diante de pronomes possessivos no singular, o acento grave é facultativo. No plural, é obrigatório. Quanto aos pronomes demonstrativos, ocorre crase (combinação) com *a*, *aquele (a)*, *aqueles (as)*, *aquilo*. *Antes de pronome indefinido ou palavra por ele modificada, não ocorre crase.* A crase também pode ocorrer com os pronomes relativos: *a qual*, *as quais*.

Referiu-se \_\_a\_\_ ela.

Dirigiu-se respeitosamente \_\_a\_\_ Vossa Excelência.

Dirigiu-se \_\_à / a\_\_ sua melhor amiga. (Facultativo. Se estivesse no plural, a crase ocorreria obrigatoriamente).

Entregou os presentes \_\_a\_\_ todas.

Entregou o brinquedo \_\_a\_\_ essa menina, em vez de entregar àquela.

- Após preposição: Neste caso, o uso do acento grave é proibido. Contudo, depois da preposição **até**, o uso é facultativo.

Ajoelhou-se perante \_\_a\_\_ rainha.

Fui até \_\_a / à\_\_ lanchonete. (Facultativo)

Relativamente a lugares: Alguns nomes de lugar não admitem o artigo **a**, outros, entretanto, admitem o artigo, de modo que diante deles ocorrerá crase, desde que o termo regente admita a preposição **a**. *Uma dica para nunca confundir os casos: Sempre substitua o verbo Ir, Voltar, Retornar etc., pelo verbo Estar. Se houver a contração em + a = na, usa-se o acento grave. Se não houver contração, não ocorre crase.*

**\*Dica mágica! Não se esqueça: “Se você vai a e volta da: crase há. Se você vai a e volta de: crase pra quê?”**

Fui \_\_\_\_ Argentina. (Estou na Argentina / Voltei da Argentina)

Fui \_\_\_\_ Paris. (Estou em *Paris* / Voltei de Paris)

Irei \_\_\_\_ casa para dormir. (Estou em casa para dormir / Voltei de casa para dormir)

Irei \_\_\_\_ casa de Carlos. (Estou na casa de Carlos / Voltei da Casa de Carlos)



- 
- **Locuções adverbiais:** Antes de locuções adverbiais femininas, o uso do acento grave é obrigatório. Já entre termos repetidos, não ocorre crase.

A aula começa às sete horas.

Os alunos sairão às pressas.

Escrevi a redação à caneta.

O líquido cai gota a gota.

- **Casos especiais:** Os pronomes relativos *que, quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais* admitem crase, pois não admitem artigo.

As jogadas de Adriano, o Imperador, eram iguais a de Pelé. (Caso de paralelismo. No entanto, já temos a preposição **de**, exigida pelo termo implícito “jogadas”, portanto, esse a é apenas o artigo admitido pelo termo implícito)

Minha nova escola fica próxima a que você estudava.

# Uso da Vírgula

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vírgulas, vírgulas e mais vírgulas. Esses “pequenos monstrinhos” acabam por se transformarem, ao longo do ano de vestibular, em uma verdadeira ameaça à tranquilidade do vestibulando, principalmente porque nesse ano, você já deve ter percebido que determinados mitos que cercam o uso das vírgulas (principalmente aqueles que dizem que é para marcar “pausas” na leitura, como se “pausa” fosse um conceito objetivo ou suficientemente preciso) caem por terra.

A fim de tornarmos o estudo do uso das vírgulas realmente eficiente, aqui vão algumas regras de utilização, seguidas de exercícios que as tornem mais claras.

## 2. REGRAS GERAIS DE USO DAS VÍRGULAS

Segundo o professor Agostinho Dias Carneiro\*, os casos obrigatórios de uso da vírgula são os abaixo listados:

- Separar elementos de mesma função (o último elemento da série dispensa a vírgula quando precedido de e, ou, nem). \*

É importante ressaltar que não faz diferença serem núcleos do sujeito, do objeto direto ou do adjunto adverbial, por exemplo. É fundamental que todos desempenhem a mesma função.

- Separar o aposto ou termo de valor explicativo.\*

Existe uma exceção à regra do aposto: o do tipo especificativo, como na frase “O escritor Machado de Assis é genial.”, em que *Machado de Assis* é aposto especificativo.

- Separar o vocativo.\*

Lembre-se de que um vocativo é facilmente reconhecível, pois aparece toda vez em que queremos chamar “alguém” em um contexto oracional. Trata-se de um termo não essencial da oração e que marca a função apelativa da linguagem.

- Separar elementos idênticos que se repetem.

Aqui, a ideia seria a mesma de regra do primeiro item – os termos possuem a mesma função sintática e devem ser separados aos olhos do leitor.

- Separar o adjunto adverbial deslocado (quando o adjunto adverbial é de pequena extensão, a vírgula pode ser suprimida, assim como em frases em que o adjunto adverbial é seguido de verbo com sujeito posposto).\*

Note que a intenção da língua é preservar aquilo a que chamamos de ordem direta, isto é, sujeito, verbo, complemento e, se for o caso, adjunto adverbial. Se essa ordem for rompida ou desestruturada, deve-se utilizar a vírgula para evidenciar essa modificação.

- Separar o local, nas datas.\*

Trata-se de uma separação de sintagmas nominais: um relativo ao espaço e outro relativo ao tempo/momento.

- Indicar a omissão do verbo ou do conectivo.\*

Quando omitimos umas dessas estruturas, literariamente, pode ocorrer uma elipse ou zeugma. Atente para as aulas de figuras de linguagem a fim de entender melhor essa nuance.

- Separar elementos de caráter incidental, como palavras denotativas, frases exclamativas, entre outros.\*

Tais estruturas são entendidas pela língua como elementos estranhos à ordem “natural” de um período ou oração. Por isso, devem ser destacados do todo por meio do uso de vírgulas.

- Destacar elementos antecipados, em pleonismo.\*

É o caso, por exemplo, do objeto direto pleonástico, como ocorre em “Suas músicas, ouço-as sempre”. O objeto direto pleonástico obriga o enunciador a utilizar a vírgula separando o referente *suas músicas*, que é objeto direto.

- Distinguir o elemento explicativo do determinativo.\*

Você se lembra das orações adjetivas restritivas e explicativas? As primeiras aparecem sem vírgulas, enquanto as outras aparecem sempre entre vírgulas. É exatamente esse o caso: as restritivas determinam uma característica do termo substantivo que as antecede, diferenciando-se das explicativas.

- Esclarecer possível ambiguidade.\*

---

As ambiguidades costumam caracterizar-se pela dupla possibilidade de leitura de uma frase, período ou enunciado.

- Separar o anacoluto.\*

Lembre-se: o anacoluto é a figura de linguagem que se caracteriza pela ruptura “violenta” da estruturação sintática da frase.

- Separar orações coordenadas assindéticas.\*

As assindéticas são aquelas em que não há conectivo expresso, como em “Vim, vi, venci.”

- Separar orações coordenadas sindéticas (aditivas, se o conectivo aparecer repetido; adversativas, exceto as introduzidas por “mas”, de pequena extensão; explicativas, conclusivas e alternativas).\*

As sindéticas, por sua vez, são aquelas em que o conectivo está expresso. Observe: *Penso, logo existo*. A primeira oração é coordenada assindética e a segunda é coordenada sindética conclusiva – separada por vírgula, portanto.

- Separar as orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal.\*

Por exemplo, na frase “Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida”, a primeira oração é subordinada adverbial temporal anteposta. Por isso, utiliza-se a vírgula.

- Separar orações adverbiais reduzidas.\*

É o caso de “Terminada a prova, foram embora”, em que a oração reduzida de particípio vem separada por vírgula.

\* (Fonte: Carneiro, Agostinho Dias; In: Redação em Construção: A Escrita do Texto, Ed. Moderna, 2ª Edição)

# Regência Verbal

## 1. CONCEITO

Estudar regência verbal consiste em estudar a correta transitividade e o uso de alguns verbos. Observe o exemplo:

Hoje prefiro cinema do que teatro. (inadequado)

Embora a situação comunicacional presente seja entendida por um possível receptor, do ponto de vista da norma culta da língua portuguesa, a frase anterior é inadequada. A forma correta seria:

Hoje prefiro cinema a teatro. (adequado)

Isso porque o verbo “preferir” é um verbo transitivo direto e indireto, cujo complemento preposicionado é regido pela preposição “a”.

## 2. ANÁLISE DA REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS PRINCIPAIS

- Agradar – no sentido de satisfazer, é transitivo indireto.

Exemplo: É difícil agradar a todos.

- Ajudar – no sentido de prestar ajuda, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto.

Exemplo: Ajudei meu filho.

Ajudei a meu filho.

- Aspirar – no sentido de respirar ou inalar, é transitivo direto. No sentido de desejar ou querer, é transitivo indireto.

Exemplo: Aspiro o perfume das flores.

Aspiramos a salários dignos.

- Assistir – no sentido de ver ou presenciar, é transitivo indireto. No sentido de prestar assistência, ajudar ou atender é facultativamente transitivo direto ou indireto.

Exemplo: Assistimos à vitória do Mengão sobre o Vasco.

Queria assistir ao último capítulo da novela.

O médico assistiu o paciente.

O médico assistiu ao paciente.

O médico assistiu a paciente.

O médico assistiu à paciente.

Observação: o verbo “assistir” apresenta mais dois sentidos, um pouco menos comuns do que os primeiros. No sentido de caber, pertencer ou ser pertinente, é transitivo indireto. No sentido de morar, é intransitivo.

Exemplo: Aquele direito assiste ao réu.

Assisto no Rio de Janeiro e jamais iria para outro lugar.

- Avisar, informar, participar, alertar, alarmar, advertir – esses verbos são transitivos diretos e indiretos. Contudo, são possíveis duas construções distintas. Observe:

Exemplo: Informei a mudança aos funcionários.

Informei os funcionários da mudança.

- Chamar – no sentido de mandar vir, é transitivo direto. No sentido de apelidar ou qualificar, é facultativamente transitivo direto ou indireto.

Exemplo: Chamei minha namorada e ela veio.

Chamei meu irmão de bobo.

Chamei ao meu irmão de bobo.

Observação: nos dois casos anteriores, a gramática permite a supressão da preposição “de”. Nesses casos, o predicativo do objeto pode ou não conter a preposição.

Exemplo: Chamei o político de corrupto.

Chamei o político corrupto.

- Chegar – é verbo intransitivo. Muito comumente, pessoas usam a preposição “em”, quando o correto na linguagem culta seria utilizar a preposição “a”.

Exemplo: Mãe, fique tranquila que já chego em casa. (inadequado)

Mãe, fique tranquila que já chego a casa. (adequado)

- Custar - no sentido de ter valor, é intransitivo (e o “complemento” é adjunto adverbial de preço). No sentido de ser difícil ou demorar, é transitivo indireto, regendo a preposição “a”.
- 

Exemplo: O apartamento da praia custa muito dinheiro.

---

Custa-me entregar as chaves do portão.

- Implicar – no sentido de ter implicância, é transitivo indireto (preposição “com”). No sentido de acarretar, é transitivo direto (apesar de o uso frequente ser feito como transitivo indireto, regendo a preposição “em”).

Exemplo: Quando era criança, sempre implicava com meu irmão.

A demissão do diretor implicou diversas mudanças na empresa. (e não “implicou em diversas mudanças na empresa”)

- Lembrar e esquecer – podem ser transitivos diretos ou transitivos indiretos (neste último caso, acompanhados do pronome integrante do verbo adequado).

Exemplo: Lembrei a apostila.

Lembrei-me da apostila.

Esqueceram a chave do carro.

Esqueceram-se da chave do carro.

Observação 1: não se esqueça de que o verbo *lembrar* também pode ser utilizado no sentido de informar, avisar, alertar. Nesse caso, será transitivo direto e indireto.

Exemplo: Lembrei meu aniversário aos amigos mais chegados.

Observação 2: o verbo *esquecer* pode ser utilizado no contexto de “cair no esquecimento”. Nessa hipótese, mais antiga, o elemento esquecido aparece como sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda é objeto. Machado de Assis nos dá um belo exemplo dessa perspectiva:

“Nunca me esqueceu o seminário, creia.”

- Namorar – é verbo transitivo direto – ou seja, não se deve utilizar a preposição.

Exemplo: Namoro uma bela garota.

Fica claro, portanto, que é inadequado dizer: “Namoro com uma bela garota” ou, mais comumente, a derradeira pergunta: “Quer namorar comigo?”. O adequado seria “Quer me namorar?”

- (Des)Obedecer – são transitivos indiretos.

Exemplo: Obedeço a meus pais.

Obedecia-lhe cegamente.



---

Observação: esses são os únicos verbos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

- Pagar e perdoar - são transitivos diretos e indiretos. A “coisa” é objeto direto e a “pessoa” é objeto indireto.

Exemplo: Paguei a dívida ao cobrador.  
Perdoei-lhe as dívidas.

- Preferir – como dito no início deste módulo, a preposição “a” deve ser utilizada.

Exemplo: Prefiro carro a moto.

Nunca utilize adjuntos que busquem ampliar o sentido do verbo preferir. Nesse caso, não diga ou escreva “Prefiro mais isso...” ou “Preferia mil vezes estar aqui a...”

*Cuidado com questões de paralelismo – Prefiro o carro à moto.*

- Querer – no sentido de desejar, é transitivo direto. No sentido de querer bem, ter apreço, é transitivo indireto.

Exemplo: Quero muito dinheiro.  
As mães querem a seus filhos.

- Simpatizar – é verbo transitivo indireto, regendo a preposição “com”. Cuidado: não existe o pronome integrante do verbo que muitas pessoas utilizam.

Exemplo: Simpatizei muito com ela.

É inadequado dizer “Simpatizei-me muito com ela”.

- Visar – no sentido de mirar, é transitivo direto. No sentido de desejar, é transitivo indireto. No sentido de “colocar o visto” é, mais uma vez, transitivo direto.

Exemplo: O atirador de elite visou o alvo.  
Visamos a melhores condições de vida.  
O turista visou o passaporte.

---

### 3. USO DA PREPOSIÇÃO COM O PRONOME RELATIVO

Principalmente quando você for escrever uma redação, atente para o uso das preposições antes de pronomes relativos. Essas preposições são regidas pelos verbos usados em cada frase. Observe os casos a seguir:

A garota que amo é linda.

A garota de que gosto é linda.

A garota com quem simpatizo é linda.

A garota por quem sou apaixonado é linda.

A garota a que me refiro é linda.

A garota de que falei é linda.

# Concordância Verbal

## 1. APRESENTAÇÃO

Nesse módulo, estudaremos os principais tipos e ocorrências de itens relacionados à concordância verbal cobrados nos vestibulares do país. Nesse sentido, é válido lembrar que serão observadas as ocorrências de concordância em três grupos distintos: nas orações com sujeito simples, nas orações com sujeito composto e nas orações sem sujeito. Note que não trabalharemos TODOS os casos, mas somente aqueles que tendem a aparecer com maior frequência.

Vamos ao trabalho?

## 2. REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

A regra geral de concordância verbal é bastante simples: o verbo concorda com o núcleo (ou os núcleos) do sujeito. Desse modo, temos:

O **rapaz** saiu.

Os **rapazes** saíram.

No coração ficaram **lembranças** de nós dois.

**Cão e gato** são inimigos naturais.

Nas frases em destaque, os termos em negrito são todos núcleos do sujeito; quando o núcleo está no singular, o verbo fica no singular. Quando o núcleo está no plural ou temos mais de um núcleo, o verbo vai para o plural.

Simples, não? Nem tanto. Como sempre, muitas de nossas regras contêm casos especiais ou exceções. Por isso, temos que apresentar (e discutir) os itens que seguem.

## 3. CASOS DE DESTAQUE

- Sujeito Inexistente (ou Oração sem Sujeito):

Ocorre em situações em que consideramos o verbo impessoal, caso em que esse verbo (e seu auxiliar, quando houver locução verbal) aparece sempre na terceira pessoa do singular. A referência é feita ao processo verbal em si, pela impossibilidade de o atribuímos a um sujeito.

- Verbos que expressam fenômenos da natureza:

Exemplo: Neva bastante nos Alpes.

Observação: Cuidado com os casos em que o verbo aparece em seu sentido figurado: Choveram reclamações sobre a prova.

- Verbo “haver” com o sentido de existir, ocorrer, aparecer, entre outros:

Exemplo: Há bons alunos em sala.

Haverá lugares para todos no carro.

Deve haver soluções para o aquecimento global.

Observações: Se o verbo “haver” nos casos acima for substituído por um equivalente, esse novo verbo deve ser passado para o plural.

Exemplo: Devem existir soluções para o aquecimento global.

- Verbos “fazer”, “estar” e “ser” indicando clima ou tempo:

Exemplo: Faz dois meses que não saio à noite.

Vai fazer três dias que não durmo.

Está calor no Rio de Janeiro.

É uma hora.

Observação: O verbo “ser”, nas indicações de tempo, apresenta concordância anômala. Ele deve concordar com o numeral situado ao seu lado. Observe:

É uma hora.

São duas horas.

Hoje é dia 25.

Hoje são 25 de agosto.

### Casos do Sujeito Simples:

- Substantivos coletivos – a concordância pode ser feita com o núcleo ou com o termo especificador.

Exemplo: O enxame de abelhas picou (ou picaram) o rapaz.

- Numerais que indicam frações – a concordância é realizada com o numerador

Exemplo: Um terço votou.

Dois terços votaram.

Observação: Se o numeral que indica fração ou porcentagem for acompanhado de uma expressão especificadora, a concordância com o núcleo ou com esse novo termo é facultativa.

Exemplo: Um terço dos eleitores votou (ou votaram).

Dois terços do eleitorado votaram (ou votou).

Dois terços dos eleitores votaram.

- Nomes usados sempre no plural – dependem da presença do artigo para que a concordância no plural se realize.

Exemplo: Estados Unidos invadiu o Iraque.

ou

Os Estados Unidos invadiram o Iraque.

- Expressões que indicam parte ou quantidade indeterminada – mais uma vez, a concordância se faz de modo facultativo: ou com o núcleo ou com o termo especificador.

Exemplo: A maioria dos alunos dormiu (ou dormiram) durante a aula.

Grande parte dos ouvintes reclamou (ou reclamaram) da palestra.

- Alguns pronomes relevantes, como que ou quem.

Exemplo: Fui eu que fiz.

Fui eu quem fiz (ou fez).

Isso porque o pronome relativo “quem” equivale a “aquele que”. Há também a concorrência de pronomes.

Exemplo: Quais de nós farão (ou faremos) o trabalho?

Qual de nós fará o trabalho?

### **Casos do sujeito composto:**

- Conjunção OU: Se for com sentido de exclusão, concorda no singular; se puder não ser excludente, concorda no plural.

Exemplo: Flamengo ou Barcelona será campeão.

Fumar ou beber fazem mal à saúde.

- Sujeito posposto ao verbo - Pode fazer a concordância ideológica (no plural) ou atrativa (concordando apenas com o termo mais próximo).

Exemplo: O pai e o filho saíram.

Saíram o pai e o filho.

Saiu o pai e o filho.

- 
- Aposto resumitivo – é o único caso em que a concordância se faz com o aposto e não com o sujeito.

Exemplo: O cansaço, o estresse, a pressão, nada me fará desistir.